



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**UFC NA TELEVISÃO: A POPULARIZAÇÃO DO MMA
NO BRASIL**

RAPHAEL MIRANDA SAAVEDRA DE PAULA

RIO DE JANEIRO
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**UFC NA TELEVISÃO: A POPULARIZAÇÃO DO MMA
NO BRASIL**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

RAPHAEL MIRANDA SAAVEDRA DE PAULA

Orientador: Prof. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Júnior

RIO DE JANEIRO

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **UFC na televisão: a popularização do MMA no Brasil**, elaborada por Raphael Miranda Saavedra de Paula.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Júnior
Doutor em Ciência da Informação pela Escola de Comunicação.- UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Profa. Gabriela Nóra Pacheco Latini
Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Eduardo Refkalefsky
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

RIO DE JANEIRO

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

DE PAULA, Raphael Miranda Saavedra.

UFC na televisão: a popularização do MMA no Brasil. Rio de Janeiro, 2016.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientador: Fernando Ewerton Fernandez Júnior

DE PAULA, Raphael Miranda Saavedra. **UFC na televisão: a popularização do MMA no Brasil**. Orientador: Fernando Ewerton Fernandez Júnior. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho consiste na análise do processo de popularização que o MMA sofreu no Brasil nos últimos anos, mais precisamente depois que a Rede Globo, a maior emissora de televisão do país, passou a exibir alguns eventos organizados pelo *Ultimate Fighting Championship* (UFC) em sua grade. Para tanto, é traçado um histórico do vale-tudo desde o seu início, com a Família Gracie no século XX, passando pelas primeiras tentativas de misturar diferentes artes marciais, até a criação do *Mixed Martial Arts* (MMA), conceito que engloba o esporte atualmente. Durante o trabalho, são analisados como a criação de ídolos foi importante para popularizar o esporte no Brasil, como Hélio Gracie, o primeiro grande lutador do país, e depois com Anderson Silva, que se transformou em uma figura midiática com as suas vitórias no octógono. Além disso, buscou-se entender a importância dos meios de comunicação nesse processo, principalmente com a televisão, que impulsionou o esporte e ajudou na sua popularização.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Hércio e Cláudia, que são a razão de eu estar aqui hoje e a quem eu devo tudo em minha vida;

A minha irmã, Juliana, por ser uma companheira para todas as horas;

Aos meus amigos de infância, que mesmo com a distância natural da vida, continuam ao meu lado até hoje;

Aos meus amigos da faculdade, que transformaram essa experiência em algo inesquecível, e com quem pretendo dividir as novas experiências no futuro;

Ao Professor Fernando Ewerton, pela orientação e ajuda para colocar este projeto no papel;

A todos os professores que dividiram as salas de aula comigo, seja na escola ou na faculdade, e que sempre me ensinaram algo de diferente;

À Escola de Comunicação da UFRJ, que transformou completamente a minha vida,

Muito obrigado.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃOErro! Indicador não definido.
2. OS BRASILEIROS E A HISTÓRIA DO MMAErro! Indicador não definido.
 - 2.1 O surgimento do jiu-jítsu e a chegada ao Brasil Erro! Indicador não definido.
 - 2.2 Os primeiros desafios e a consolidação do jiu-jítsu brasileiro. Erro! Indicador não definido.
 - 2.3 Heróis do Ringue: Jiu-jítsu ganha espaço na televisãoErro! Indicador não definido.
 - 2.4 Os últimos desafios e a implementação do vale-tudo no Brasil Erro! Indicador não definido.
3. O ULTIMATE FIGHTING CHAMPIONSHIPErro! Indicador não definido.
 - 3.1 Os primórdiosErro! Indicador não definido.
 - 3.2 Problemas com a Justiça e mudança de comandoErro! Indicador não definido.
 - 3.3 UFC, um fenômeno mundialErro! Indicador não definido.
4. REDE GLOBO E A POPULARIZAÇÃO DO MMA NO BRASIL Erro! Indicador não definido.
 - 4.1 As estratégias para a “aceitação” do MMAErro! Indicador não definido.
 - 4.2 A construção do ídolo Anderson SilvaErro! Indicador não definido.
 - 4.3 Os números do sucessoErro! Indicador não definido.
5. CONCLUSÃOErro! Indicador não definido.
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICASErro! Indicador não definido.

1. INTRODUÇÃO

Durante uma entrevista realizada em fevereiro de 2011, Dana White, presidente do *Ultimate Fighting Championship*, a maior organização de artes marciais mistas (MMA), afirmou que o esporte se transformará no mais popular do mundo. Cinco anos depois, a profecia do “chefão” do UFC está longe de ser concretizada. O futebol segue como a modalidade mais conhecida e com maiores números de audiência no planeta, mas isso não quer dizer que as lutas não tenham conquistado seu espaço entre os esportes mais assistidos.

Nos últimos cinco anos, o MMA passou por um processo de popularização importante no Brasil. Desde o início de 2011, o UFC se transformou em um produto de televisão aberta no país, com transmissões, primeiramente, da RedeTV!, e depois com a compra dos direitos de transmissão pela Rede Globo, o canal com maior audiência na programação, em outubro do mesmo ano. O fato de poucos esportes terem um lugar reservado na grade da emissora, como o futebol e o automobilismo, demonstra a importância que as lutas ganharam recentemente.

A motivação desta pesquisa foi entender como o MMA ganhou esse reconhecimento nos últimos anos, deixando de ser um produto de nicho, como o Canal Combate, que desde 2002 tem a sua programação completamente voltada para o mundo das lutas em sistema de *pay-per-view*, para se transformar em um produto de televisão aberta, com a transmissão ao vivo de eventos na Rede Globo, e também com a criação do *The Ultimate Fighter Brasil*, um *reality show* nos mesmos moldes do *Big Brother*, mas com relação direta com o UFC, onde atletas lutam entre si por um contrato com a organização.

Um evento específico foi importante para atrair o interesse do público médio para as artes marciais: o confronto conhecido como “Luta do Século”, entre Anderson Silva e Vitor Belfort, realizado em Las Vegas, no dia 5 de fevereiro de 2011, que terminou com a vitória do primeiro por nocaute, com aproximadamente três minutos e meio de luta. A imagem do chute frontal aplicado pelo vencedor rodou o mundo e rendeu uma reportagem no *Fantástico*, uma das principais atrações da Rede Globo. Esse pode ser considerado um marco na popularização do MMA no Brasil.

Outra intenção deste trabalho é resgatar a história das artes marciais no país, principalmente do jiu-jítsu, desenvolvido pela Família Gracie – uma luta genuinamente brasileira. Desde o início do século, quando Mitsuyo Maeda apresentou a Carlos Gracie

um estilo de combate trazido do Japão, as lutas permeiam a história do esporte no Brasil, mas nunca tiveram a mesma repercussão que têm hoje, mesmo aparecendo outras vezes na televisão aberta.

Em todo esse processo, a comunicação teve um papel fundamental, já que a entrada do MMA na Rede Globo foi um diferencial para alcançar um público que, não necessariamente, deseja consumir apenas esportes. A criação de personagens nas novelas, como aconteceu com Wallace Mu, vivido por Dudu Azevedo em *Fina Estampa*, ajuda a ilustrar como a mídia segue as tendências, mas também cria uma pauta relacionada a isso, já que a “humanização” do lutador, que passa a ser retratado como um personagem normal, com direito a final romântico e volta por cima no último capítulo, no melhor estilo Rocky Balboa.

Algumas teorias da comunicação foram utilizadas para entender o crescimento do MMA nos últimos anos. A principal delas é a teoria do agendamento (*agenda setting*, em inglês), desenvolvida por Maxwell McCombs e Donald Shaw no início dos anos 1970, que fala sobre como a mídia pauta os assuntos que serão discutidos na agenda pública. O conceito tem relação direta com a popularização do esporte no Brasil porque as artes marciais eram “esquecidas” na Rede Globo antes do *boom* do UFC em 2011.

Desde o primeiro UFC, realizado em 1993, os brasileiros têm um papel de protagonismo – Royce Gracie foi o primeiro campeão, Vitor Belfort e Marco Ruas conquistaram títulos ainda na era do “vale-tudo” e Anderson Silva ganhou o seu cinturão em 2006. Considerado o “Pelé das Artes Marciais” pelo próprio presidente da maior organização do planeta, ele era um verdadeiro anônimo em seus primeiros anos de reinado. Enquanto o seu cartel aumentava com vitórias e defesas de título, a sua fama seguia restrita aos Estados Unidos e ao público especializado no Brasil.

Portanto, é importante destacar que não foi a Rede Globo que garantiu a popularização do MMA. Antes mesmo de o canal “se render” ao esporte, a RedeTV! teve um papel importante ao exibir, com exclusividade na televisão aberta, a edição 134 do UFC, realizada na HSBC Arena, no Rio de Janeiro – primeira no Brasil depois de 13 anos de ausência. Os próprios donos do evento viram no país sul-americano um mercado a ser explorado, principalmente por conta da história de sucesso e também do número de campeões na organização, que por algumas vezes foi até maior do que os próprios americanos.

Porém, o fato de o UFC começar a ser exibido na Rede Globo mudou completamente o panorama do esporte no Brasil. As pessoas se interessaram não somente pela luta em si, mas os próprios atletas se transformaram em ídolos nacionais, como foi o caso de Anderson Silva que, mesmo quase três anos após perder o seu cinturão e com polêmicas relacionadas a doping, segue com uma legião de fãs e com o posto de principal nome do esporte no país.

Apesar disso, pelo fato de o MMA ser um esporte relativamente recente, principalmente no Brasil, não há uma bibliografia ampla sobre o tema. São poucos livros que retratam essa nova realidade, já que a maioria, por datar de 2011 ou antes, se atém somente à história das artes marciais no país, e não de sua popularização desde então. Por isso, o conteúdo eletrônico foi bastante explorado, principalmente as matérias jornalísticas com algum tipo de repercussão sobre o esporte.

Foi interessante constatar o número maior de reportagens sobre o tema na imprensa e também a maior cobertura em sites que geralmente têm uma relação mais distante com o esporte. Não é comparável ao futebol, que segue indiscutivelmente como a principal modalidade no Brasil, mas ultrapassou outros que, por muitos anos, tiveram um protagonismo na imprensa, como o tênis e o boxe, que voltaram a ser um esportes de nicho, voltados apenas para um público especializado.

Este estudo foi dividido em três capítulos, sendo os dois primeiros mais concentrados em um panorama histórico das lutas no Brasil e no mundo, antes de apresentar propriamente o tema central do trabalho. Trazer os primórdios dos desafios realizados pela Família Gracie ainda nos anos 1920 e 1930 e também as primeiras edições do UFC, nos anos 1990, foi fundamental para entender a dinâmica atual do esporte, já que, como aconteceu com Hélio Gracie nos anos 1950, a mídia e a torcida brasileira se concentram em “heróis”.

O primeiro capítulo é baseado na tensão que existia entre o jiu-jítsu e as outras artes marciais no Brasil durante o século XX. Até então, não existia esse conceito de “misturar” diferentes modalidades, que é basicamente uma obrigatoriedade para qualquer lutador nos dias atuais. A intenção de Hélio e Carlos Gracie, os responsáveis pela criação e difusão do jiu-jítsu brasileiro, era provar a eficácia de seu estilo como a arte marcial mais eficiente do mundo. É impossível falar em artes marciais mistas sem contar a história dos desafios contra adversários de modalidades diferentes.

Já o segundo capítulo é voltado exclusivamente para o *Ultimate Fighting Championship*, que hoje é a principal organização de MMA do planeta. Criada há 23

anos, a competição revolucionou completamente as lutas no mundo, e novamente teve a participação fundamental de brasileiros – neste caso o filho mais velho de Hélio Gracie, Rorion, que levou o jiu-jitsu para os Estados Unidos e criou a concepção de um torneio onde atletas de diferentes artes marciais se enfrentariam em um octógono, e apenas um sairia vencedor.

Por fim, no terceiro e último capítulo, a pesquisa é centrada em como a comunicação teve um papel essencial na transformação do MMA nos últimos anos. Primeiro, na inserção do esporte na programação dos canais, principalmente a Rede Globo, tema central do trabalho. Depois, na construção de Anderson Silva como um legítimo ídolo nacional, o que desperta os sentimentos de pertencimento e nacionalismo nos torcedores. E depois, um apanhado geral de números, principalmente de audiência, que provam a influência da televisão no crescimento do esporte.

2. OS BRASILEIROS E A HISTÓRIA DO MMA

No dia 27 de agosto de 2011, o Rio de Janeiro recebeu a edição de número 134¹ do Ultimate Fighting Championship, a maior organização de MMA (Mixed Martial Arts, artes marciais mistas em português) do mundo. Esse evento marcou a volta do UFC ao Brasil depois de mais de 13 anos – o primeiro e único evento no país havia ocorrido no dia 16 de outubro de 1998, em São Paulo – e também a entrada da empresa americana no mercado brasileiro.

Na luta principal da noite, o campeão mundial dos pesos médios², Anderson Silva, colocou o seu cinturão em jogo contra o japonês Yushin Okami. O brasileiro, então aos 36 anos, era cultuado pelo próprio presidente da organização, Dana White, como o maior lutador que pisou no octógono na história. Naquele dia, para delírio das 14 mil pessoas que esgotaram os ingressos da HSBC Arena, na zona oeste da capital fluminense, o curitibano venceu por nocaute, na metade do segundo round, continuando com o título de sua divisão.

Este resultado seria o marco de uma popularização do esporte no Brasil, que começara alguns meses antes, em fevereiro, quando Anderson Silva e Vitor Belfort fizeram a “Luta do Século”, como ficou conhecido o embate entre os dois compatriotas realizado em Las Vegas, pelo UFC 126. Naquele momento, pela primeira vez, um evento do UFC atraiu, de verdade, a atenção do público brasileiro. Apesar disso, o MMA tem muito mais a ver com o nosso país do que se imagina. Desde os primórdios do vale-tudo até a criação do UFC, os nossos lutadores sempre estiveram presentes. Não é exagero dizer que as artes marciais mistas são, genuinamente, um esporte brasileiro.

2.1 O surgimento do jiu-jítsu e a chegada ao Brasil

É difícil datar exatamente o surgimento do jiu-jítsu. Acredita-se que ele surgiu na Índia, há mais de 2.500 anos, mas o certo é que ele se desenvolveu no Japão, com o nome de *jujutsu*, que significa “arte suave” – essa luta era conhecida por não usar armas e era praticada pelos orientais em situações de batalha ou enfrentamento. A história dessa arte marcial começa a se entrelaçar com o Brasil em 1882, quando Jigoro Kano,

¹ Nem todos os eventos do UFC seguem a numeração normal. Existem eventos com nomeações diferentes, como o *UFC Fight Night* e o *UFC on FOX*.

² Categoria de lutadores até 83,9 kg.

um conhecido praticante, funda a academia Kodokan, com o objetivo de modernizar o velho *jujutsu*, criando uma atividade mais competitiva, o judô, que prezava mais as quedas – o termo traduzido significa “caminho suave” – do que a luta de chão.

No início do século XX, um acordo entre o governo japonês e o governo brasileiro deu início à imigração japonesa no Brasil, quando diversos cidadãos nipônicos deixaram o seu país por conta do excesso de população. Um deles foi Mitsuyo Maeda, conhecido como “Conde Koma”, um discípulo de Jigoro Kano e campeão de judô no Japão. Ele rodou o mundo, passando por Estados Unidos e Europa, antes de chegar ao Brasil, mais precisamente em Belém, onde conheceu Gastão Gracie.

Empresário, Gastão foi dono de vários empreendimentos, entre eles um circo, onde promovia espetáculos variados, desde danças até combates. Em uma dessas demonstrações, ele conheceu Conde Koma, que demonstrava as técnicas da arte oriental contra seus adversários. Como aconteceria com a expansão da arte suave no Brasil nas décadas seguintes, o mestre impressionava por lutar e vencer praticantes com mais envergadura e peso do que ele – o japonês media apenas 1,64m – usando as técnicas orientais.

Em troca da ajuda recebida para se instalar no país, Maeda ensinou a Carlos Gracie, o mais velho dos oito filhos de Gastão, as técnicas do jiu-jítsu japonês. Ao contrário de Jigoro Kano, ele continuava defendendo as técnicas do *jujutsu*. Esse encontro entre os dois foi o que manteve acesa a técnica milenar, que seria praticamente “enterrada” no Japão. Impressionado com a arte marcial, Carlos dedicou a sua energia para aprendê-la e acabou se transformando no professor de seus outros irmãos. Enquanto isso, Conde Koma voltou ao seu país e recebeu o perdão de seu antigo mestre, mas o jiu-jítsu, que seria extinguido em sua terra natal, iria se transformar em um sucesso no outro lado do mundo.

Quando Mitsuyo Maeda, um discípulo de Kano, decidiu viajar pelo mundo no início do século XX, ensinando o que aprendera na Kodokan, ele preferiu manter o termo original jiu-jítsu. Não era apenas uma questão semântica: ele defendia os ensinamentos das técnicas de combate do *jujutsu*, e não apenas a versão esportiva desenvolvida por Kano (AWI, 2012, p.28).

Franzino, Carlos viu no esporte uma maneira de derrotar adversários mais fortes e, em 1925, abriu a primeira academia de jiu-jítsu, no bairro do Flamengo, no Rio de Janeiro. Naquele endereço, ele e seus irmãos ensinariam a arte suave para os brasileiros,

menos Hélio. Mais franzino da família, ele não era liberado para fazer exercícios quando mais novo. Ninguém sabia exatamente o motivo, mas, quando menino, era incapaz de fazer esforço físico e, o que o levou a apenas assistir as aulas dos irmãos por alguns anos. E foi assim que absorveu todos os detalhes da arte marcial.

Hélio se tornou professor por acaso. Um dia, um aluno chegou à academia para ter uma aula, mas nenhum dos instrutores estavam presentes. Aproveitando a oportunidade ele se ofereceu para lecionar no lugar dos irmãos. Aprovado pelo aluno, que pediu a Carlos para somente ter as aulas com ele, o Gracie foi promovido a professor e se transformou, anos depois, no grande expoente da luta no século XX no Brasil.

Um dos grandes desafios era o seu tamanho. Por isso, ele buscou formas de vencer oponentes mais pesados no chão sem precisar da força bruta. A maioria dos golpes conhecidos na arte suave atualmente já existiam nos antigos livros japoneses, mas Hélio adaptou os golpes com o princípio da alavanca, que persistia em usar o peso do oponente positivamente, de maneira com que pessoas mais leves pudessem executar os movimentos mesmo em desvantagem.

Hélio logo percebeu que não conseguia executar facilmente alguns dos movimentos que havia memorizado. Numa busca incansável para encontrar soluções que garantissem a eficácia das técnicas que se dispunha a ensinar, Hélio ousou quebrar a tradição do jiu-jítsu japonês praticado e ensinado por seus irmãos. Começou a aperfeiçoar os movimentos para que ele pudesse executá-los apesar de sua frágil constituição física. Essas mudanças só ocorreram por meio de muitas tentativas e erros e devido à incorporação de princípios de alavanca, que reduziam a necessidade de usar a força física durante a execução dos movimentos (GRACIE, 2007, p.17).

2.2 Os primeiros desafios e a consolidação do jiu-jítsu brasileiro

Os primeiros desafios entre atletas de diferentes modalidades ocorreram ainda no início do século, com a chegada de Conde Koma ao Brasil. Há uma controvérsia sobre o local exato de sua chegada, já que em um passaporte cedido por Gotta Tsutsumi, presidente da Associação Paramazônica Nipako de Belém, ele teria desembarcado em Porto Alegre, no dia 14 de novembro de 1914, mas há também a possibilidade de o mestre ter chegado pela cidade de Santos, em São Paulo.

Porém, foi em Belém que Maeda ganhou notoriedade com suas demonstrações contra praticantes de luta ou halterofilistas, sempre muito maiores, mas que sucumbiam

aos conhecimentos do antigo jiu-jítsu ensinado pelos japoneses, aliado ao judô que aprendeu na Kodokan. Quando Carlos Gracie abriu a primeira academia de jiu-jítsu no Brasil, em 1925, no Rio de Janeiro, a luta era praticamente desconhecida – modalidades como o boxe e a capoeira atraíam mais adeptos. Assim, a forma de conseguir novos alunos era a propaganda e o vale-tudo. Utilizando anúncios nos jornais, Carlos fazia um marketing agressivo, onde desafiava lutadores para provar a eficiência da arte suave.

Insatisfeitos em apenas desenvolver a sua arte marcial, os irmãos Gracie tinham o desejo de demonstrar para todo o mundo a eficácia do jiu-jítsu frente aos outros tipos de luta. O *Gracie Challenge* foi o embrião para o MMA que conhecemos hoje, já que foi uma das primeiras experiências de lutas mistas no mundo. O próprio Carlos foi o representante inicial do vale-tudo na família, tendo algumas lutas importantes no seu currículo, como o empate contra Geo Omori, um representante do jiu-jítsu japonês, em 1924. Porém, seria o seu irmão mais novo, Hélio Gracie, o grande herói nacional da família no vale-tudo em meados do século XX.

O sucessor natural de Carlos seria George Gracie, conhecido como Gato Ruivo. Ele ganhou notoriedade ao vencer diversos desafios promovidos pelo clã, mas tinha uma personalidade difícil, o que criou problemas com os outros irmãos. Ao contrário de Hélio, não gostava de seguir as ordens de Carlos e nem a disciplina rígida da arte marcial. O ápice do desentendimento entre os dois foi a participação de George em uma luta com resultado combinado – algo inaceitável para a família. Assim, o caminho ficou livre para o mais novo.

Aos 18 anos, Hélio entrou pela primeira vez em um ringue para um confronto de vale-tudo, no dia 16 de janeiro de 1932. O oponente foi Antônio Portugal, um boxeador. O Gracie ainda era razoavelmente desconhecido àquela época, mas a sua vitória com apenas 40 segundos, depois de desviar de um soco e utilizar o jiu-jítsu para derrotar o adversário no solo, serviu para pavimentar a estrada de seu sucesso.

A luta que colocaria o nome de Hélio Gracie nos jornais seria contra o gigante Fred Ebert, de 98 quilos, oriundo do *wrestling*³, esporte tradicional nos Estados Unidos. Cerca de 35 quilos mais pesado que o brasileiro, o americano veio ao país para algumas lutas de exibição, e o combate teve a cobertura da grande mídia. O jornal *O Globo* destinou uma página inteira de seu caderno de esportes para uma prévia da luta, destacando a diferença de tamanho entre os dois.

³ Luta que utiliza técnicas de agarramento, como quedas e chaves.

O embate ocorreu no ginásio do São Cristovão, tradicional clube de futebol do Rio de Janeiro, no dia 5 de novembro de 1932, e durou uma hora e quarenta minutos. O Gracie aproveitou o fato de que o adversário não tinha conhecimento de luta de chão e abusou dos golpes no solo, mas Ebert foi resistente e aguentou até a interrupção pela polícia, temendo que algo pior pudesse acontecer. Mesmo não vencendo, o brasileiro ganhou notoriedade pela valentia no tatame.

O curioso é que Hélio Gracie venceu ou empatou 15 de suas 17 lutas oficiais, mas foram exatamente as duas derrotas que o deixaram conhecido e o transformaram em uma lenda nacional. Um desses enfrentamentos aconteceu em 1951, quando a Seleção Japonesa de Judô visitou o Brasil. Na visão de Carlos, essa era a oportunidade perfeita para demonstrar que a luta que eles desenvolveram era melhor do que o judô.

A imprensa teve um papel fundamental na divulgação do desafio, já que os jornais, como *O Globo* e *Diário da Noite*, fizeram uma cobertura completa do evento. Vale destacar que, neste ano, o país vivia uma “ressaca esportiva” por conta da perda da Copa do Mundo de 1950, no Maracanã, e essa era uma maneira de recuperar esse orgulho nacional ao confrontar uma arte brasileira com uma oriental.

O principal atleta da Kodokan era Masahiko Kimura, campeão peso-pesado de judô no Japão, e que fez uma série de lutas na Europa contra praticantes de outras artes marciais, como boxe e savate⁴, vencendo todas. A intenção de Hélio era testar o jiu-jítsu brasileiro contra o original, mas Kimura recusou o desafio. Ele alegou que o Gracie não era conhecido internacionalmente e era muito mais leve. O japonês indicou uma luta contra Jukio Kato, o segundo melhor lutador da academia, garantindo que o companheiro poderia vencê-lo com a mesma facilidade.

Hélio Gracie e Kato se enfrentaram duas vezes. A primeira delas ocorreu no lendário Maracanã, no dia 6 de setembro de 1951, um ano depois da final da Copa do Mundo. A luta teve três rounds com dez minutos cada, onde eram válidos golpes das duas modalidades, e o vencedor seria aquele que conseguisse forçar a desistência do adversário. O embate no Rio de Janeiro terminou empatado. O japonês conseguiu derrubar Hélio com as técnicas do judô, mas no chão o brasileiro foi superior, apesar de não ter encaixado um golpe perfeito.

A revanche foi marcada para o Estádio do Pacaembu, em São Paulo, no final do mesmo mês. A história da luta seguia a mesma da primeira, até que o brasileiro

⁴ Arte francesa que combina técnicas do boxe com boxe tailandês.

encaixou um estrangulamento, que fez o adversário perder os sentidos. O próprio Gracie alertou ao árbitro que o adversário tinha “dormido” (perdido a consciência por alguns segundos). Como o japonês não desistiu, Hélio soltou o golpe e deixou o adversário cair estirado no tatame, deixando clara a vitória. Vendo o seu companheiro ser derrotado, Kimura não teve dúvidas e selou o tão aguardado confronto ali mesmo.

Após a luta, Kimura subiu ao ring e, segundo soube de pessoas amigas, desafiou a lutar, iniciando a luta deitado. Não foi um desafio oficial e, embora tenha conquistado uma glória invulgar, não se negará a um supremo sacrifício pela glória do esporte brasileiro, enfrentando o gigante japonês de 100 quilos, campeão há treze anos do Japão e do mundo (JORNAL O GLOBO, 1951, p.10).⁵

O próprio Hélio Gracie sabia das dificuldades de enfrentar o campeão japonês. Com cem quilos, ele era 35 mais pesado e era campeão de judô no Japão há 13 anos, uma arte que, apesar de esportiva, ainda conservava os movimentos do antigo jiu-jítsu. A luta aconteceu no dia 23 de outubro de 1951, também no Maracanã, justamente atrás da baliza onde Alcides Ghiggia chocou o mundo na final da Copa do Mundo de 1950.

Cerca de 20 mil pessoas acompanharam a luta das arquibancadas do estádio. Kimura afirmou alguns dias antes que o embate não demoraria mais do que três minutos e que, caso contrário, o adversário poderia ser declarado o vencedor. Ao menos no resultado final, quem levou a melhor foi o japonês, mas com algum tempo de atraso. No segundo round, já com 13 minutos no total, ele aplicou uma queda e encaixou um “ude-garami”, um tipo de chave de braço que leva o nome de “americana” no Brasil, mas que ficou conhecido como “kimura” por conta do japonês.

O brasileiro se recusou a bater e, conhecendo o irmão, Carlos decidiu jogar a toalha no tatame, o que significa desistência, declarando o adversário como o vencedor. Apesar disso, quem levou a fama de herói foi Hélio, como demonstraram as edições dos jornais, que consideraram o belenense como o “vencedor moral” do combate. De fato, a luta serviu para alavancar o nome da família e do esporte no Brasil. A academia Gracie passou a receber mais inscrições e os jornais enviavam com frequência repórteres para o local para trazer informações sobre o esporte.

Porém, o embate contra Masahiko Kimura não foi o mais importante da carreira de Hélio Gracie. Na verdade, uma desavença com um antigo funcionário é que deixou o jiu-jítsu desenvolvido pela família mais midiático. Depois da derrota para o gigante

⁵ JORNAL O GLOBO. Edição de 10 de outubro de 1951. Edição em acervo. Acesso em: 20 dez. 2015.

japonês, aos 38 anos, o brasileiro anunciou a sua aposentadoria, preparando o filho mais velho de Carlos, Carlson, para ser o nome da família nos desafios.

Apesar disso, quatro anos depois, Hélio reviu a sua decisão e anunciou que lutaria mais uma vez. Waldemar Santana começara como *sparring*⁶ na academia de Carlos e Hélio, mas, com o tempo, ganhou espaço e passou a representar a academia. Porém, ele não se via devidamente valorizado pelo clã e, após dois episódios, rompeu com a família. O primeiro foi quando deixou uma torneira aberta na academia, o que alagou o tatame e deixou Hélio em fúria. Porém, o que complicou a sua relação com o mestre foi a sua participação em uma luta supostamente combinada sem a autorização dos professores, que condenavam as “marmeladas”, esporte que ficaria conhecido como *Telecatch* nos anos seguintes.

A amizade com o jornalista Carlos Renato, que cobria constantemente a rotina da academia, também contribuiu para que, depois de ser expulso por Hélio Gracie, Waldemar desafiasse o seu antigo patrão. Com porte físico mais avantajado e com domínio das técnicas de jiu-jítsu, era natural que o jovem de 25 anos levasse vantagem, mas Hélio não fugiu e, mesmo afastado dos ringues, aceitou o desafio.

A situação foi devidamente explorada pelos jornais cariocas, que aproveitaram o fato de um ex-funcionário negro desafiar o patrão branco. A luta ocorreu no dia 24 de maio de 1955, em um ginásio no centro do Rio de Janeiro. E foi uma das mais longas da história, já que durou cerca de três horas e 45 minutos. Treinado por Hélio durante cinco anos, Waldemar utilizou a mesma tática de seu antigo mestre – a de ser paciente e esperar o momento certo para finalizar o combate.

Sempre por cima, ele contou com a ajuda de seu peso para dominar o adversário. Valente, Hélio resistiu, mas deixou a prova de que, em igualdade de condições técnicas, o mais forte geralmente vai levar vantagem. Depois de algumas horas, Waldemar deu o golpe final, um chute certeiro na cabeça do belenense, que caiu praticamente desacordado. Ele não desistiu, mas partiu do juiz a decisão de declarar o baiano o vencedor do combate.

A repercussão da luta foi o mais importante para os dois lados. Dessa vez, Hélio realmente se aposentou e nunca mais voltou a lutar, mas pelo fato de seu adversário ser um lutador de jiu-jítsu, o esporte ganhou ainda mais notoriedade. Aproveitando o sucesso, Waldemar passou a percorrer o Brasil para lutas, exibições e homenagens, mas

⁶ Atleta que ajuda os companheiros nos treinamentos, simulando uma luta real.

ganhou um novo desafio. Pela honra da família, Carlson Gracie foi preparado para vingar o tio. Ali, Hélio passaria de verdade o bastão para a segunda geração da família, que seguiria a mesma lógica de desafios no desenvolvimento do jiu-jítsu brasileiro.

2.3 Heróis do Ringue: Jiu-jítsu ganha espaço na televisão

A partir do ano de 1959, a TV Continental, um canal de televisão aberta do Rio de Janeiro que existiu até 1972, criou o “Heróis do Ringue”, onde Hélio e Carlos Gracie colocavam alunos mais graduados de sua academia, entre eles Carlson Gracie, João Alberto Barreto e Hélio Vígio, para lutar contra atletas de outras modalidades. O programa passava na segunda-feira à noite, em horário nobre, e era apresentado pelo próprio Hélio Gracie.

Apesar disso, a atração teve dois momentos distintos durante o seu período de veiculação. Enquanto foi ao ar, ela contribuiu para a promoção das lutas no Brasil, principalmente o jiu-jítsu. Sua audiência era grande e a repercussão alavancou a arte marcial, mas também havia severas críticas, devido a sua violência. Como é natural, inimigos da família aproveitaram o momento de repercussão para escrever nos jornais, como o *Última Hora*. Além disso, a TV Tupi, principal concorrente da Continental, também reclamava da “selvageria” das lutas, em uma tentativa de minar o seu adversário.

A sua última exibição foi em 1962. Representante do jiu-jítsu, João Alberto Barreto enfrentou José Geraldo, um praticante de luta livre. O atleta da Academia Gracie aproveitou o pouco conhecimento das técnicas de luta de chão do adversário e aplicou uma americana, justamente o golpe que rendera a derrota de Hélio Gracie para o japonês Kimura, 11 anos antes. Novamente o adversário se recusou a bater, mas dessa vez o fim foi pior. Geraldo teve o braço quebrado em uma transmissão de televisão aberta, e a cena teve uma repercussão completamente negativa.

A fratura, ao vivo e em close, foi demais para os telespectadores mais sensíveis. A crítica, que já era forte, tornou-se raivosa, e nem Abraão Medina foi capaz de manter o programa no ar. Pior que isso, o esporte foi banido no estado da Guanabara, sob a acusação de pôr em risco a integridade física dos atletas. [...] Curiosamente, ao contrário do que desejavam os Gracie, o sucesso de *Heróis do Ringue* acabou abrindo caminho para o mais bem-sucedido programa de lutas encenadas exibido no Brasil, o *Telecatch*, estrelado por Ted Boy Marino. (AWI, 2012, p.61).

Com o fim da exibição do programa e a proibição dos eventos de vale-tudo no Rio de Janeiro, o jiu-jítsu começou a ser difundido em outros pontos do país. Carlson Gracie, o sucessor de Hélio e principal lutador da família, realizou diversas lutas no Norte e Nordeste, onde teve sucesso, mas também foi onde conheceu a sua primeira derrota, contra Euclides Pereira, um lutador que tinha conhecimentos de várias artes marciais, algo natural atualmente, mas ainda pouco comum naquela época.

Ao mesmo tempo, os Gracie também decidiram profissionalizar o jiu-jítsu, criando regras como um sistema de pontuação e limite de tempo, algo que ia de encontro ao histórico da arte suave, mas que permitiu o contínuo crescimento do esporte no Rio de Janeiro. Enquanto isso, o vale-tudo ficaria praticamente esquecido até retornar com força no início dos anos 80, mas dessa vez com novos adversários e antagonistas.

2.4 Os últimos desafios e a implementação do vale-tudo no Brasil

Depois da derrota de Hélio Gracie para Waldemar Santana, caberia a Carlson Gracie vingar o nome da família. Ele sabia que mais uma derrota para o ex-funcionário da academia colocaria em xeque o crescimento do jiu-jítsu no Brasil, mas o “Garotão”, como ficou conhecido, precisou de 39 minutos para vencer o antigo amigo, depois de um completo domínio. Toda a mística criada em torno daquele combate, que aconteceu no dia 8 de outubro de 1955, contribuiu para o público recorde de 30 mil pessoas no Maracanãzinho.

Carlson seguiu como o principal representante do jiu-jítsu por cerca de duas décadas, com 18 lutas e apenas uma derrota, para Euclides Pereira. Quando se aposentou dos ringues, abriu a sua própria academia, também na zona sul do Rio de Janeiro, e criou uma geração de grandes lutadores, entre eles Vitor Belfort (atual lutador do UFC), Wallid Ismail (dono do Jungle Fight, a principal organização de MMA no país) e Murilo Bustamante (ex-campeão do UFC).

A volta do vale-tudo ocorreu com a terceira geração da família Gracie, representada principalmente por Rickson. Desde adolescente, o filho de Hélio já tinha aptidão para o esporte, destacando-se nos torneios de jiu-jítsu e também demonstrando interesse em lutas contra outros estilos. E foi no dia 25 de abril de 1980 que o vale-tudo retornou para valer no Brasil, com a luta entre Rickson e Rei Zulu, especialista em

tarracá⁷. Apesar da pouca notoriedade nacional, Zulu tinha mais de 30 lutas em seu currículo invicto e levava vantagem no porte físico.

O curioso é que não seria Rickson o mais indicado para representar a família nesse desafio. Seu irmão mais velho, Rolls Gracie, era o sucessor natural de Carlson, e também tinha em seu DNA a busca por novos desafios, já que estudou outras técnicas, como o sambo⁸, e adaptou novos movimentos ao jiu-jítsu. Apesar disso, o seu crescimento ocorreu justamente no momento de hibernação do vale-tudo no Brasil, e ele só pôde realizar um único desafio, em 1976, contra um carateca, antes de falecer em junho de 1982, em um acidente de asa-delta.

No ringue, Rickson Gracie enfrentou uma verdadeira pedreira. Rei Zulu foi apresentado à família por Waldemar Santana, que pediu um adversário para o lutador que, segundo ele, vencia todo mundo no interior do país. Em uma luta programada para três rounds de dez minutos cada, o filho de Hélio foi jogado três vezes para fora do ringue e estava exausto ao final do primeiro assalto. Apesar disso, Rolls, um de seus instrutores no combate, jogou um balde de água fria em sua cabeça e garantiu que o seu oponente estava mais cansado, o que era realmente verdade. Em três minutos, ele aplicou um mata-leão⁹ que lhe rendeu a vitória. Os dois ainda voltariam a se enfrentar em 1983, com o mesmo final.

Se a luta contra Rei Zulu serviu para reviver os tempos de vale-tudo no Rio de Janeiro, um encontro casual fez renascer a rivalidade entre o jiu-jítsu e as outras modalidades, que seria fundamental para o início da era do MMA, a da profissionalização do esporte.

Durante o Carnaval de 1982, três primos, Renzo, Rilion e Charles, brincaram com uma menina, que aparentemente estava sozinha. Porém, ela estava acompanhada de Mário Dumar, um faixa-preta de Muay Thai. O aluno de Flávio Molina, um dos principais difusores do estilo no país, acertou um soco em Charles e o derrubou, antes que os dois fossem separados. Eles ainda se enfrentariam novamente em um bar, dessa vez com uma pequena vantagem para o Gracie, mas o fato era que a rivalidade entre os dois estilos estava declarada e, por coincidência, todos eles frequentavam o mesmo bairro da zona sul carioca.

⁷ Estilo de luta com origem indígena tradicional no Maranhão, nordeste do Brasil.

⁸ Arte marcial de autodefesa desenvolvida na União Soviética.

⁹ Golpe tradicional no jiu-jítsu, onde o atleta envolve o pescoço do adversário com os braços, prendendo a sua respiração.

Desta confusão surgiu “A Noite das Artes Marciais”, evento realizado em 30 de novembro de 1984 e criado para colocar, frente a frente, quatro atletas do jiu-jítsu contra outros quatro do muay thai. Filho de Carlos, Robson Gracie, então administrador do Maracanã e do Maracanãzinho, tratou de organizar tudo, aproveitando o momento para reerguer o nome do esporte que consagrou a família, em baixa naquele momento por conta do surgimento de filmes sobre outras artes marciais, estrelados principalmente por Bruce Lee.

Na realidade, o confronto se tornou uma disputa entre o jiu-jítsu e outras artes marciais, já que Flávio Molina, capitão do time do muay thai, encontrou dificuldades para reunir atletas de sua academia para o desafio. Assim, praticantes de luta-livre e kung fu entraram na equipe para enfrentar os lutadores da Academia Gracie, que não foram representados por ninguém da família. A luta principal ficou entre Marcelo Behring, aluno de Rickson Gracie e um dos principais nomes da época, contra o próprio Flávio. Renan Pitanguy, Fernando Pinduka e Ignácio Aragão foram os outros representantes do jiu-jítsu, enquanto que Eugênio Tadeu, Marco Ruas e Bruce Lúcio representaram a outra equipe.

No ringue, a equipe do jiu-jítsu levou a melhor com duas vitórias (Aragão venceu Lúcio, e Behring derrotou Molina), contra uma do muay thai (Tadeu derrotou Pitanguy), além do empate entre Ruas e Pinduka. Essa rivalidade se fortaleceria nos anos seguintes, principalmente com os praticantes de luta-livre. Um desses embates ficou conhecido como uma das maiores lutas de todos os tempos, ao menos uma das mais midiáticas, quando Rickson Gracie enfrentou Hugo Duarte na Praia do Pepê, na Barra da Tijuca, em 1988.

Desta vez, o Gracie não deu chances a escolhas, foi na direção de Hugo e perguntou: “já se passaram três meses, você tá pronto?”, acertando um tapa no rosto do rival. Hugo começou em vantagem defendendo uma queda de Rickson e caindo por cima, mas o Gracie conseguiu inverter e montou, dominando um de seus braços por trás da nuca e o obrigando a pedir para parar com socos no rosto. Mas, enquanto o líder máximo do Jiu-Jítsu se consagrava em mais uma batalha, o ícone da LL jurava que a guerra estava longe do fim (ALONSO, 2013, p.31).

Antes do fenômeno UFC ser criado em 1994, com a ida de Rorion Gracie, filho mais velho de Hélio Gracie, para os Estados Unidos, ainda ocorreria mais um evento entre as artes marciais, dessa vez com transmissão da Rede Globo, na primeira exibição

de vale-tudo da história da emissora. As lutas ocorreram no dia 26 de setembro de 1991, no Rio de Janeiro, e foi a entrada de uma nova geração de lutadores, já que Rickson Gracie, então o principal nome do jiu-jítsu, já havia viajado.

Cinco lutas foram marcadas, mas apenas três delas realmente aconteceram. Todos os representantes do Gracie Jiu-Jítsu venceram os seus combates: Wallid Ismail, Fábio Gurgel e Murilo Bustamante derrotaram Eugênio Tadeu, Denílson Maia e Marcelo Mendes. Para tentar diminuir a violência dos combates, foram definidas regras mais severas, como a proibição de socos e de chutes em adversários caídos. O problema é que as rixas pessoais entre os lutadores e as equipes deixaram os ânimos quentes. Na luta de Wallid e Tadeu, por exemplo, o primeiro abusou das cabeçadas, o que tirou bastante sangue do adversário. Ao menos, o medo de ocorrer um problema sério em rede nacional, como acontecera quase 30 anos antes, não se realizou.

Apenas dois anos depois, o sonho de Hélio e Carlos Gracie se tornaria mundial. Do outro lado do mundo, Rickson Gracie seria o responsável pelo pontapé inicial do vale-tudo no Japão, terra onde surgira o jiu-jítsu. Enquanto isso, nos Estados Unidos, Royce Gracie se transformaria no primeiro campeão da história do *Ultimate Fighting Championship*, a organização que, atualmente, é referência no MMA, o esporte criado a partir dos desafios de modalidades diferentes de luta.

3. O ULTIMATE FIGHTING CHAMPIONSHIP

3.1 Os primórdios

Os desafios de vale-tudo e o desenvolvimento do jiu-jítsu transformaram a Família Gracie em verdadeiras celebridades. Os nomes de Hélio, Carlos, Carlson e Rickson, além de outros integrantes do clã, ficaram conhecidos no país por conta da arte marcial. Porém, um membro da família tinha aspirações maiores. Filho mais velho de Hélio Gracie, Rorion tinha o projeto de tornar o esporte que a sua família consolidou um fenômeno mundial. E sabia que precisava levar para a América aquela luta, na terra onde as estrelas do cinema faziam sucesso com filmes sobre artes marciais.

Foi com esse objetivo que, em 1978, aos 27 anos de idade, ele embarcou para os Estados Unidos. Anteriormente, já tinha feito duas viagens para o país, onde pôde conhecer o local e definir que seria ali que ele continuaria o legado iniciado pelo seu pai há mais de cinco décadas, em Belém do Pará. A sua primeira viagem ocorreu em dezembro de 1969, já recheado de aventuras. Depois de passar férias em Nova Iorque e Washington D.C., ele foi para a Califórnia, mas lá teve o dinheiro e passagem de volta para o Brasil roubados.

Para não preocupar a sua família, decidiu avisar que ficaria mais e arranjou emprego em uma lanchonete. Permaneceu por um ano ainda no país, chegou a dormir na rua até conseguir dinheiro para voltar para casa, já no final de 1970. E foi com essa experiência que ele decidiu se mudar de vez para os Estados Unidos. Junto com o amigo e aluno da academia Ricardo Alvarez, ele deixou o Brasil com um diploma de Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e recém-separado da esposa com o sonho de transformar o jiu-jítsu em uma arte internacional mesmo com toda a influência dos filmes de Hollywood estrelados por Bruce Lee e Jean-Claude Van Damme.

A estratégia principal utilizada para atrair pessoas interessadas na luta seria a mesma de sempre: o marketing. Os desafios eram uma maneira de apresentar o estilo e também conquistar novos simpatizantes, principalmente pelo fato de a maioria das artes marciais daquela época ignorarem a luta de chão como defesa pessoal, como era o caso do taekwondo e do kung fu. Invariavelmente, assim que o lutador de jiu-jítsu conseguia

levar o combate para o chão, ele dominava e finalizava o seu adversário com uma submissão¹⁰.

Morando de favor na casa de um amigo que conheceu em uma das viagens anteriores, ele começou a trabalhar fazendo faxina em casas de conhecidos – foi a maneira que encontrou para se sustentar no lugar, já que levou pouco mais de dois mil dólares apenas para a viagem. Porém, em uma dessas situações, encontrou um produtor de cinema, que ficou interessado em seu porte físico e o contratou para ser figurante. O contato com as estrelas do cinema americano o colocaram no meio e fizeram o seu nome ficar conhecido, principalmente depois de participar da coreografia do filme *Máquina Mortífera*, um clássico de 1987 estrelado por Mel Gibson.

Com o dinheiro que conseguiu com os trabalhos de figurante, ele alugou uma casa em Torrance, Los Angeles, onde montou um tatame em sua garagem. Ali passaria a existir a primeira academia de jiu-jítsu nos Estados Unidos. Como ator, ele chegou a participar de algumas séries com pequenos textos, mas a sua intenção era difundir a luta da família no hemisfério norte, e nada melhor do que os anúncios em jornais, onde ele oferecia valores que geralmente nem tinha, para derrotar praticantes de outras artes marciais.

Uma de suas primeiras experiências com o jiu-jítsu nos Estados Unidos foi a tentativa de apresentá-lo em academias de outras artes marciais. Na maioria das vezes, Rorion recebeu um não como resposta, mas foi em uma academia de taekwondo em que ele recebeu uma das primeiras chances de provar a eficácia de sua arte para outros praticantes. O coreano II Cho, mestre da academia, garantiu que a arte que lecionava era suficiente para a defesa pessoal de seus alunos. Foi a deixa que o Gracie precisava para promover um desafio ali mesmo, prontamente aceito pelo mestre. Pela primeira vez na América, ele foi capaz de demonstrar a luta brasileira em público.

Rorion pediu licença para vestir o quimono no vestiário. Quando voltou, o tatame já estava cercado pelos alunos de II Cho. A primeira tentativa de chute do coreano foi apenas para medir distância. O pé dele passou a mais de vinte centímetros do rosto de Rorion, que continuava parado. Quando o mestre do tae kwon do deu um passo à frente, Rorion deu dois e se projetou sobre o corpo do desafiante. Conseguiu jogá-lo no chão, montar nele e segurá-lo pelo pescoço; O coreano parecia um touro brabo tentando se desvencilhar de seu oponente. (...) já no vestiário, trocando de roupa, Rorion foi abordado por dois ou três discípulos de II Cho interessados em saber mais sobre

¹⁰ Forçar o adversário a desistir ou tirar a sua consciência com um golpe.

a luta que tinha jogado o mestre deles duas vezes no chão. “Gracie Jiu-Jítsu”, respondeu Rorion. (AWI, 2012, p.85).

Além das participações como ator e produtor em filmes de Hollywood, Rorion também ficou conhecido por conta da entrevista que deu para a *Revista Playboy*, em setembro de 1989. Na entrevista, a publicação apresentou resumidamente a história da arte marcial até então pouco conhecida no país e destacou o objetivo de o Gracie ser conhecido como “o homem mais durão do Oeste dos Estados Unidos”, mesmo com apenas uma luta no currículo e sem nenhum título oficial. Na mesma revista, ele chegou a oferecer 100 mil dólares, dinheiro que não poderia pagar, para quem o derrotasse em uma luta de vale-tudo.

O marketing foi essencial para o desenvolvimento do vale-tudo nos Estados Unidos. Atletas de outras artes marciais começaram a aparecer em sua garagem para testar e foram derrotados com facilidade. Aproveitando o fato, Rorion gravou alguns de seus desafios na academia improvisada e criou duas fitas que ficariam famosas no mundo das lutas, o *Gracie In Action 1 e 2*, que tornaram os Gracie ainda mais conhecidos fora do país.

Já com uma situação melhor e com a ajuda de três irmãos que “importou” do Brasil – Rickson, Royler e Royce -, Rorion abriu a primeira academia de Gracie Jiu-Jítsu em Torrance, na Califórnia, que recebeu mais de 100 alunos com outros 80 em lista de espera, incluindo nomes conhecidos do cinema, como Mel Gibson e Chuck Norris. Porém, seria um executivo que transformaria de vez a história das artes marciais e ajudaria a criar o que hoje é conhecido como a maior organização de MMA do planeta.

Art Davie acompanhou a trajetória de Rorion Gracie nos Estados Unidos desde o início, e virou amigo do mestre. Ele tinha o sonho de criar um torneio de artes marciais que pudesse ser transmitido pela televisão, mas sabia que não poderia chegar inicialmente à TV aberta americana, por conta da violência das lutas. A saída seria utilizar algum canal fechado, e Davie pensou na Semaphore Entertainment Group (SEG), uma empresa conhecida por vender shows musicais pela televisão, e que serviria como principal patrocinador da WOW Promotions, empresa criada por Davie e Rorion em 1993.

De início, a ideia não foi bem aceita por Bob Meyrowitz, um ex-lutador de boxe e dono da SEG. Rorion levou uma das suas fitas que gravou em sua garagem com os desafios contra outras artes marciais. A ideia foi desenvolvida porque era unânime que

uma disputa entre atletas de modalidades diferentes poderia atrair atenção, já que sempre era questionado quem venceria uma luta entre um boxeador e um praticante de kung fu, por exemplo.

A criação daquele evento só saiu do papel também por conta da ajuda de quase cem alunos da academia, que se reuniram e juntaram entre 200 e 250 mil dólares para a sua realização. Havia também a dificuldade de escolher um local, já que apenas seis estados tinham leis que permitiam a realização desse tipo de evento. Deles, o escolhido foi o Colorado, mais precisamente a cidade de Denver, que abrigaria a primeira promoção daquela companhia.

Com o investimento dos alunos, foi possível garantir o pagamento dos atletas e também do ginásio. Ficou definido que oito diferentes lutadores participariam da primeira edição do War of the Worlds. E uma marca atual do UFC surgiria também com influência da participação de Rorion no cinema. Diretor de *Conan, o Bárbaro*, John Milius ficou impressionado com os desafios gravados e também ficou encantado com a ideia de um torneio entre diferentes artes marciais.

Depois de definir a cidade, eles passariam a definir como seriam disputados os embates. Porém, o objetivo era fugir do tradicional ringue de boxe, já que as cordas possibilitavam ao atleta tentar escapar ou mesmo amarrar um combate com a ajuda da jaula. Assim, eles esboçaram diversos desenhos até chegar ao octógono, como até hoje são disputadas as lutas do UFC. Com esse formato, as lutas se desenvolveriam com maior dinâmica e sem muitas paralisações.

Na última hora, o WOW! se transformou em Ultimate Fighting Championship, por influência da SEG. Assim, faltavam apenas definir quem seriam os oito lutadores que entrariam no octógono para a primeira edição da história do UFC. Um deles, é claro, seria um representante do clã Gracie, e o natural é que Rickson fosse o escolhido, por conta de seu destaque no jiu-jítsu e também pelo fato de ter sido preparado para ser o sucessor de Carlson nos desafios ainda no Brasil.

Porém, Rorion decidiu que o representante do jiu-jítsu seria Royce. Apesar de não ter a mesma experiência do irmão, ele se destacou em diversos desafios, sendo um dos protagonistas do *Gracie In Action*, mas também tinha um diferencial importante: o seu porte físico. Ele era mais franzino do que Rickson, e a promoção voltada para a sua participação seria maior pelo mesmo motivo de Hélio algumas décadas antes: a máxima de que o fraco poderia vencer o mais forte utilizando a arte suave.

Em 1993, Rorion e um de seus alunos desenvolveram o conceito do evento mais revolucionário das artes marciais de todos os tempos e o produziram: *The Ultimate Fighting Championship*, o UFC. Com a ajuda de outro aluno, o escritor/diretor John Milius, criaram a arena chamada “Octógono”. Apesar de, naquela época, Rickson ser o campeão da família, Rorion decidiu colocar Royce para lutar no Octógono e representar os Gracies no primeiro UFC. Acreditava que, por ser mais leve, Royce seria um exemplo mais convincente do potencial técnico do Gracie Jiu-Jitsu. (GRACIE, 2007, p.28).

No dia 12 de novembro de 1993, na Arena McNichols Sports, em Denver, no estado do Colorado, foi realizado o *The Ultimate Fighting Championship*. Ao todo, 7.800 pessoas¹¹ acompanharam as lutas do ginásio, enquanto que 86 mil compraram o pacote de *pay-per-view* oferecido pela SEG. Além de Royce Gracie, outros sete lutadores de diferentes artes marciais participaram do torneio.

As regras eram simples: não valiam mordidas, dedo no olho e golpes na virilha. Não existia limite de tempo, o que significava que o combate só seria encerrado em caso de nocaute, submissão ou desistência da equipe. Os árbitros, João Alberto Barreto e Hélio Vígio, dois discípulos da Família Gracie, eram figuras quase decorativas, já que foram orientados a não intervir, exceto em casos especiais. Quem vencesse as três lutas sairia com 50 mil dólares no bolso e seria considerado o *The Ultimate Fighter*.

Royce Gracie entrou três vezes no octógono naquela noite e, em 4 minutos e 59 segundos no total, venceu todas as lutas por finalização e se sagrou campeão do primeiro torneio do UFC. Ele derrotou o boxeador Art Jimmerson, que entrou com uma luva de boxe – o uso delas eram permitidas, mas não obrigatórias, o *wrestler* Ken Shamrock e o *kickboxer* Gerard Gordeau, consagrando de vez o jiu-jítsu brasileiro como a arte marcial mais eficiente do planeta, pelo menos naquele momento.

O brasileiro se transformou no primeiro grande mito do UFC. Pode também ser considerado o primeiro ídolo da história das artes marciais mistas no mundo, já que, apesar de as regras serem diferentes atualmente, pela primeira vez o conceito de misturar estilos de lutas diferentes fora aplicado em um único evento fora do Brasil. Royce ainda venceria a segunda e a quarta edição do evento, deixando de vencer apenas a terceira, quando foi forçado a desistir durante o torneio por conta de um desmaio.

O sucesso de vendas das primeiras edições do UFC foi o pontapé inicial para a consolidação do esporte nos Estados Unidos. As fitas com as lutas foram vendidas e alugadas em locadoras, o que contribuiu para a sua popularização nos Estados Unidos.

¹¹ Disponível em: <http://www.tapology.com/fightcenter/events/ufc-1-the-beginning>. Acesso 01 fev. 2016.

Novas lendas das artes marciais surgiram ainda nos primórdios da organização, como Marco Ruas, conhecido por ser o primeiro lutador de MMA, já que não treinava apenas uma arte marcial, e Vitor Belfort, hoje consolidado como um dos esportistas mais famosos do Brasil.

Apesar disso, o caminho para a profissionalização e regulamentação do esporte seria longo. Depois da quarta edição, Bob Mewyrowitz, dono da SEG, adquiriu o evento de Rorion Gracie e Art Davie, e continuou realizando o torneio com os mesmos moldes. O brasileiro, que teve a concepção daquele evento, não aceitou algumas mudanças impostas pela empresa que, pelo fato de ser a patrocinadora, tinha a última palavra.

3.2 Problemas com a Justiça e mudança de comando

Porém, uma dura campanha contra o UFC começou nos Estados Unidos, e a produção passou a encontrar dificuldades para encontrar lugares disponíveis para a realização das lutas. Pessoas ligadas ao boxe, que até então reinava como principal esporte de combate do país, tentaram impedir e proibir o novo esporte em diversos estados. Uma das figuras mais emblemáticas nesta disputa foi o senador John McCain, do Arizona, que ficou mais conhecido mundialmente posteriormente, quando disputou a presidência dos Estados Unidos com Barrack Obama, em 2008.

A violência das lutas, muitas vezes finalizadas com derramamento de sangue, era um atrativo para uma parte da população, mas também algo que gerava e gera até hoje repulsa de uma ala mais conservadora. E foi essa motivação política, além do seu envolvimento com a indústria do boxe, que motivou o político a escrever uma carta para todos os governadores do país, destacando os perigos daquele esporte. O seu termo *human cockfighting* (rinha de galo humana, em português), marcou exatamente essa disputa.

Nem todos os estados proibiram a organização de eventos pela SEG, mas a influência do político na “cruzada” contra a organização de vale-tudo teve consequências importantes no seu desenvolvimento inicial. O problema maior ocorreu no dia 7 de fevereiro de 1997, na 12ª edição do torneio, que tinha Vitor Belfort como um de seus participantes. As lutas estavam marcadas para a cidade de Buffalo, no estado de Nova Iorque. Porém, menos de 48 horas antes de sua realização, uma briga judicial resultou em sua proibição. A saída encontrada foi mudá-las para Dothan, no Alabama, em caráter de urgência.

A juíza Miriam Goldman Cedarbaum havia rejeitado o pleito do SEG. [...] O circo seria transferido imediatamente para Dotham, no Alabama, a 1.100 quilômetros dali. As cidades sulistas funcionavam como coringas por serem mais liberais com o vale-tudo – o Alabama já havia recebido duas edições do UFC. Eles não podiam mudar a data porque os pacotes de pay-per-view tinham sido vendidos. Foi necessário, então, fretar um Boeing 737-300 para levar mais de duzentas pessoas, entre lutadores, treinadores, organizadores, jornalistas e até alguns fãs que estavam em Niagara Falls. [...] Os lutadores só entraram no hotel em Dotham às seis horas da manhã do dia da luta. (AWI, 2012, p.164).

Os problemas com a oposição e a Justiça forçaram o dono da SEG, Bob Meyrowitz, a criar novas regras para os combates. O termo *No Rules* (sem regras, em português), uma das frases usadas como marketing para a sua primeira edição, foi substituído pela instituição de uma série de proibições, visando uma aproximação com as comissões atléticas dos estados. A partir do UFC 12, foram instituídas as categorias de peso. Depois, no UFC 14, as luvas passaram a ser obrigatórias e, no UFC 15, diversos golpes, como o chute na cabeça em um oponente caído, foram extintos.

Apesar disso, os problemas de audiência seguiram. Do outro lado do mundo, no Japão, surgiu o *Pride Fighting Championships*, um evento que também teve um brasileiro da Família Gracie, Rickson, como o seu primeiro grande lutador, mas que passou a atrair os atletas do UFC, como Dan Severn, Vitor Belfort, Mark Coleman, Wanderlei Silva e Dan Henderson, entre outros.

Porém, o grande problema do UFC em seus primórdios não foi apenas o surgimento de um concorrente à altura. A televisão, que se tornaria uma aliada em sua popularização nos anos seguintes, foi um obstáculo difícil de ser superado no final dos anos 90, e que rendeu a troca dos donos da organização. Isso porque o senador John McCain, o “líder” da oposição, percebeu que se concentrar apenas nas comissões atléticas e nas proibições nos estados não era suficiente.

A maior parte dos rendimentos da SEG vinha da venda dos pacotes de *pay-per-view*. Por conta dos diversos problemas com as arenas, o público que assistia aos eventos *in loco* não era tão importante, mas sim aqueles que estavam dispostos a pagar cerca de 20 dólares para acompanhar em casa. Mas para o evento chegar aos televisores dos fãs, ele precisava estar na programação das operadoras. E duas das principais

desistiram de transmitir os combates¹², o que impactou nas receitas e no número de espectadores.

Para tentar reverter a situação, o dono do UFC aceitou mudar algumas regras e acabar com a promoção voltada para um evento de “vale-tudo”, como ocorreu no início. O problema é que a situação financeira já era complicada e mesmo em 2000, quando os organizadores conseguiram a sanção do UFC 28 em Nova Jersey, depois da criação das Regras Unificadas das Artes Marciais Mistas, a intenção de Bob Meyrowitz já era a de vender, pelo menos, uma parte da empresa.

A história do UFC muda com a entrada de Dana White. Hoje presidente e um dos sócios da companhia, ele era um ex-lutador de boxe frustrado e empresário de atletas importantes, entre eles Chuck Liddell e Tito Ortiz. White tinha a intenção de comprar o evento e fazê-lo crescer novamente, mas precisava do aporte financeiro, que viria com os irmãos Fertitta. Amigo de infância de Lorenzo, dono de uma rede de cassinos e hotéis em Las Vegas, ele o convenceu a acompanhar a edição 28 ao vivo. Seria aquele encontro que mudaria o panorama do MMA nos Estados Unidos.

Além do início de um novo milênio, janeiro de 2001 também significou a mudança nos donos do *Ultimate Fighting Championship*. Lorenzo e Frank Fertitta, ao lado de Dana White, acertaram a compra da organização por um valor de 2 milhões de dólares. A divisão ficou em 10% para White e 45% para cada irmão, que também criaram a *Zuffa*, empresa que seria responsável pelo gerenciamento do UFC.

“Rosto” da organização atualmente, Dana White na verdade teve um papel fundamental no crescimento do MMA nos Estados Unidos. No início dos anos 2000, os novos donos tiveram dificuldade para administrar o prejuízo deixado pela administração anterior. A entrada de Lorenzo Fertitta, neste caso, também foi importante, já que ele havia trabalhado na Comissão Atlética de Nevada, e o estado era um lugar fundamental para a regulamentação do UFC no país.

Ainda sem a entrada nas operadoras de tv a cabo, a *Zuffa* teve prejuízo em seus primeiros anos de administração. Nem mesmo a liberação para a realização dos eventos em Las Vegas, Nevada, a partir do UFC 33, foi suficiente para alavancar o evento. Algumas edições tiveram uma boa audiência e venderam uma boa quantidade de

¹² A TCI e a Time Warner Cable, duas operadoras de TV a cabo, aderiram ao boicote e retiraram o *Ultimate Fighting Championship* de sua programação.

pacotes de *pay-per-view*, como o UFC 40¹³, que colocou frente a frente Tito Ortiz e Ken Shamrock, uma lenda do início da organização que passara oito anos lutando no Japão. Porém, as maioria dos *cards*¹⁴ não atraíam um número suficiente de receita para compensar o investimento inicial.

3.3 UFC, um fenômeno mundial

Enquanto isso, do outro lado do mundo, o Pride já estava consolidado como o maior evento de MMA do planeta. A organização japonesa mantinha algumas regras menos conservadoras, como a possibilidade de pisar na cabeça de um oponente caído ou de arremessar o adversário com a cabeça no chão, golpe conhecido como bate-estaca, mas tinha a habilidade de produzir verdadeiros shows, de certa forma parecidos com os primeiros UFC's, principalmente por conta dos torneios de uma mesma noite.

O ponto de virada novamente teve a televisão como uma figura central, mas dessa vez de maneira positiva. O próprio Dana White admite que a criação do *The Ultimate Fighter* em 2005 foi o que fez o UFC ser novamente competitivo e se transformar em uma febre nos Estados Unidos. O programa era um *reality show* onde os lutadores moravam juntos em uma casa, treinavam e lutavam entre si. O formato era parecido com o *Big Brother*, mas a diferença era que as eliminações eram decididas no octógono, e não por votação popular.

A transmissão foi realizada pela *Spike TV*, um canal a cabo americano voltado para o público adulto masculino. O horário foi comprado pelo UFC, o que significava que um fracasso na audiência significaria a não renovação da série. Porém, na verdade, o evento final, realizado ao vivo, foi o ponto principal. Durante 15 minutos, Stephan Bonnar e Forest Griffin lutaram por um contrato de seis lutas com a organização e pelo título de campeão do TUF. Além do processo natural de humanização que aqueles lutadores passaram durante o programa, encerrá-lo com uma verdadeira batalha foi fundamental.

Apenas alguns meses depois, a luta entre Randy Couture e Chuck Liddell, que serviram de técnicos no programa, quebrou todos os recordes de audiência na venda de *pay-per-view* até aquele momento. O UFC voltou a ser a “casa” das artes marciais

¹³ O evento vendeu 150 mil pacotes de *pay-per-view*, números parecidos com o de suas primeiras edições. Disponível em: <http://www.tapology.com/fightcenter/events/ufc-40-vendetta>. Acesso 01 fev. 2016.

¹⁴ Lista de lutas programadas para um evento.

mistas no mundo e, apenas dois anos depois, acabou de vez com a concorrência do Pride com a compra do evento japonês pela Zuffa. As acusações de envolvimento com a máfia japonesa minaram a organização, mas a força que o UFC conquistou engoliu o seu principal rival.

Nos anos seguintes, as proibições das comissões atléticas caíram praticamente a zero, exceto o estado de Nova Iorque, que até hoje não permite a organização de eventos de MMA, algo que os donos do UFC pretendem mudar até o final de 2016. A saída dos Estados Unidos e a entrada em novos mercados também ajudou no crescimento mundial. O Canadá foi o primeiro, até por conta da proximidade, mas o Reino Unido também virou um centro de eventos do UFC na Europa.

O primeiro evento do UFC no Brasil ocorreu no dia 16 de outubro de 1998, em São Paulo. Desde o início da organização, os lutadores brasileiros foram protagonistas – Royce Gracie foi o primeiro campeão, Vitor Belfort e Marco Ruas se destacaram nos torneios e Anderson Silva, posteriormente, viraria o maior nome da história, mas Dana White demorou a trazê-la de volta para o lugar onde, verdadeiramente, surgiu.

Ao final de 2010, o Brasil tinha três cinturões dos sete no total do UFC, com José Aldo, Anderson Silva e Mauricio Shogun. E foi em dezembro deste mesmo ano que Dana White anunciou o primeiro evento, depois de 13 anos, no país. O UFC 134, também conhecido como UFC Rio, seria realizado na HSBC Arena, no Rio de Janeiro, e teria três verdadeiras lendas como principais destaques: Anderson Silva, defendendo o seu cinturão contra o japonês Yushin Okami, Rodrigo Minotauro e Mauricio Shogun, que ficaram conhecidos no Pride, mas também fizeram sucesso no concorrente. Esse seria o componente final para o pontapé inicial no processo de popularização do MMA no Brasil. Um processo sem volta.

4. REDE GLOBO E A POPULARIZAÇÃO DO MMA NO BRASIL

A volta do UFC ao Brasil, em agosto de 2011, foi um marco importante por levar a competição de artes marciais mistas para o *mainstream*. Porém, nos dois anos anteriores, o evento já dava provas de que tinha potencial suficiente para se tornar um esporte conhecido no país. O principal motivo era o fato de alguns nomes brasileiros começarem a ficar conhecidos fora dos Estados Unidos, sendo o principal deles o de Anderson Silva.

O brasileiro iniciou a sua carreira no MMA em 1997, passando por eventos nacionais, como o *Shooto*, além de organizações internacionais, como o *Cage Rage* (Inglaterra) e também o *Pride* (Japão), antes de chegar ao UFC, nove anos depois. Em apenas duas lutas, venceu Chris Leben, no dia 28 de junho de 2006 e Rich Franklin, em 14 de outubro do mesmo ano, para ganhar o cinturão do peso médio da competição.

A sua chegada ocorreu justamente no momento em que o UFC vinha se reestruturando, depois da troca de donos e da criação do *The Ultimate Fighter*, considerado o “salvador” da organização. E, enquanto acumulava diversas defesas de cinturão no seu cartel, Anderson Silva se transformava em um verdadeiro ídolo nos Estados Unidos, a ponto de Dana White o chamar de “Pelé das artes marciais”. Porém, essa mesma mídia que ele tinha por lá não acontecia no Brasil.

A compra dos direitos de transmissão do UFC pela Rede Globo, em outubro de 2011, é considerado o ponto de partida para a popularização do esporte no país. Porém, anteriormente, a própria emissora já dava sinais de que poderia apoiar o MMA. Em abril de 2010, por exemplo, Anderson Silva e Demian Maia, dois brasileiros, disputaram o título em Abu Dhabi, nos Emirados Árabes, no UFC 112. Mesmo antes do evento, já estava acordado a participação dos dois no *Domingão do Faustão*, um dos programas de maior audiência da emissora.

Antes da Rede Globo, outras emissoras também contribuíram para o crescimento do esporte no país. O Canal Combate é um caso à parte, já que, desde 2002, transmite exclusivamente eventos e programas voltados para o mundo das lutas, mas por funcionar em sistema de *pay-per-view* não tem o mesmo alcance de outras emissoras, principalmente as abertas.

O precursor da transmissão do UFC no Brasil foi o SBT, em 2002. O dono do canal, Silvio Santos, aproveitou o sucesso de Vitor Belfort, que participou do *reality show* Casa dos Artistas, para comprar algumas lutas do carioca. A primeira exibição ocorreu em 22 de junho de 2002, no UFC 37.5, que teve como luta principal o duelo entre Belfort e Chuck Liddell, um dos nomes mais conhecidos da história do MMA. Apesar disso, a transmissão centralizou as suas atenções apenas na luta do brasileiro, e não no evento em geral.

A RedeTV! foi outro canal que investiu no *Ultimate Fighting Championship*. No dia 13 de junho de 2009, a empresa exibiu pela primeira vez o programa *UFC Sem Limites*, onde lutas históricas eram transmitidas em horário nobre, na noite de sábado. Posteriormente, o canal começou a exibir lutas mais recentes e também reportagens sobre o esporte, como em 2011, no auge da rivalidade entre Anderson Silva e Chael Sonnen, quando a emissora fez uma entrevista com o americano. Neste dia, o canal ficou em terceiro lugar no horário, com média de 2,3 pontos no Ibope¹⁵.

Porém, o grande destaque foi a exibição, ao vivo, do UFC 134, no dia 27 de agosto de 2011, o segundo da história realizado no Brasil, na HSBC Arena, no Rio de Janeiro. A RedeTV! transmitiu todas cinco lutas do card principal do evento, incluindo as vitórias de Mauricio Shogun, Rodrigo Minotauro e Anderson Silva, o grande destaque da noite. Durante a vitória do campeão brasileiro, a emissora bateu o seu recorde de audiência no horário, ultrapassando a Rede Globo, com 12,8 pontos de audiência¹⁶, o que significou que mais de 600 mil lares, somente na Grande São Paulo, assistiram aos combates.

Os números chamaram a atenção da principal emissora de televisão do país, a Rede Globo, além da Rede Bandeirantes e da Rede Record, que iniciaram uma disputa pelos direitos exclusivos de transmissão do UFC no Brasil. Mesmo considerada a precursora na popularização do evento, a RedeTV! acabou perdendo os direitos para a

¹⁵ Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/mma/post/ufc-sem-limites-em-terceiro-no-ibope-398858.html>. Acesso em: 14 fev. 2016.

¹⁶ Disponível em: <http://blogs.odiario.com/tvtudo/2011/08/28/redetv-tem-audiencia-recorde-com-transmissao-do-ufc-rio/>. Acesso em: 15 fev. 2016.

Globo que, em 27 de outubro de 2011, junto com a organização americana, anunciou a nova parceria. Assim, ela ganhou o direito de transmitir todos os eventos realizados em solo brasileiro, e também de veicular a primeira edição do *The Ultimate Fighter Brasil*, que aconteceria no ano seguinte.

A primeira transmissão ao vivo da Rede Globo ocorreu cerca de duas semanas depois, no dia 12 de novembro de 2011, no duelo entre o campeão dos pesos pesados do UFC on FOX 1, Cain Velásquez, contra o desafiante brasileiro, Júnior Cigano. O canal apostou no evento porque ele marcava a primeira transmissão do UFC na FOX, um dos maiores canais de televisão dos Estados Unidos. Por conta disso, só houve a transmissão dessa luta, com as outras sendo exibidas ao vivo no *Facebook* da organização americana.

Porém, mesmo com o curto período de exibição de cerca de 30 minutos, o evento foi um sucesso. A Globo convocou o seu principal narrador, Galvão Bueno, para transmitir o combate ao lado de Vitor Belfort, uma figura já conhecida do grande público por conta da participação na Casa dos Artistas e também devido ao desaparecimento de sua irmã, Priscila, em caso que ganhou repercussão nacional.

A luta demorou apenas 64 segundos e terminou com vitória do brasileiro por nocaute, o que o consagrou como o novo campeão da categoria no UFC. A transmissão praticamente dobrou a audiência que a RedeTV! teve na exibição da edição 134, cerca de dois meses e meio antes, subindo a média para 16 pontos, maior do que o normal do horário no canal. Um dado interessante é que a audiência do UFC on FX 7, na cidade de São Paulo, que teve como luta principal Vitor Belfort enfrentando o inglês Michael Bisping, superou a do jogo entre Palmeiras e Grêmio, no domingo seguinte, que marcou 15 pontos de média no Ibope¹⁷.

4.1 As estratégias para a “aceitação” do MMA

No início dos anos 1970, os pesquisadores Maxwell McCombs e Donald Shaw formularam, no artigo *The agenda setting function of mass media* (1972), a teoria do agendamento, onde defendiam que os meios de comunicação tinham o poder de influenciar nos assuntos discutidos pela população. Ou seja, a *agenda-setting* tem

¹⁷ Disponível em: <http://new.d24am.com/esportes/lutas/luta-mais-audiencia-jogo-brasileirao-globo/41442>. Acesso em: 14 fev; 2016.

relação direta com a agenda pública, já que o público tende a dar mais importância a aquilo que é discutido no *mass media* (SHAW, 1979).

Na realidade, a teoria do agendamento “não defende que a imprensa pretende persuadir” (PENA, 2005). Ela apenas relaciona a influência que a programação da televisão tem na agenda pública, ou seja, naquilo que deve ser abordado nas conversas entre os cidadãos.

Observa-se uma convergência na conceitualização dos autores sobre a hipótese do *agenda setting*. A mídia é apresentada como agente modificador da realidade social, apontando para o público receptor sobre o que se deve estar informado. Na perspectiva dos autores, esta construção configura-se como um poder que os meios de comunicação exercem sobre a opinião pública, a sociedade. (DE BRUM, 2003).

Ou seja, segundo o estudo, que tem as suas bases na obra *Public Opinion*, de Walter Lippmann (1922), as informações podem ganhar um destaque ou serem negligenciadas no meio de comunicação, e as pessoas tendem a excluir aquilo que não está pautado na mídia (DE BRUM *apud* WOLF, 2001). O estudo tem como experiência as eleições nos Estados Unidos em 1968, tentando identificar o papel da mídia entre os eleitores indecisos, mas, como afirma David Weaver, as suas conclusões podem ser trazidas para as informações em geral, já que os temas expostos na grande mídia se transformam no centro de discussão das conversas diárias (DE BRUM *apud* WEAVER, 1996, p.2).

Depois de acertar com o UFC para ser o canal oficial da organização no Brasil, a Rede Globo iniciou uma estratégia de popularizar o MMA no país utilizando a sua audiência e, principalmente, a sua programação para facilitar o processo de aceitação das lutas como um esporte legítimo. Enquanto, nos anos anteriores, as artes marciais mistas eram praticamente ignoradas pelo canal, seja em seus programas esportivos ou em suas novelas, com a aquisição dos direitos de transmissão o esporte se transformou em pauta para telejornais e personagens na dramaturgia.

Na semana anterior à realização do UFC 134, no Rio de Janeiro, em agosto de 2011, a Rede Globo estreou, em seu horário principal (21h, horário de Brasília), a novela *Fina Estampa*, escrita por Aguinaldo Silva. Em uma de suas tramas havia o personagem Wallace Mu, um lutador de MMA interpretado por Dudu Azevedo. Depois de perder a luta que valia o título de campeão mundial, ele descobriu que sofria de problemas cardíacos, o que o motivou a parar de lutar.

Inicialmente um personagem secundário, ele ganhou espaço na trama pela aceitação do público e também pelo fato de, durante a novela, a Globo ter adquirido os direitos de transmissão do UFC. Assim, o personagem foi desenvolvido de uma maneira em que amenizasse aquela visão de “violento” que um lutador carrega geralmente, com direito a uma história de superação e final romântico.

Na trama, o lutador estava com problemas de saúde e buscava, através de treinos, voltar ao octógono para ser campeão novamente. Para o diretor da novela, Wolf Maya, “O Wallace é um dos personagens mais honestos e centrados da trama”, com a ideia de passar uma imagem positiva de um lutador de MMA (VEJA, 2012). Para reforçar ainda mais este elemento no roteiro, o lutador Vitor Belfort fez uma participação na trama e os irmãos Minotauro, Rodrigo Nogueira, e Minotouro, Rogério Nogueira, que também são lutadores de MMA, participaram da novela na cena em que o personagem de Mu declara que voltará a lutar; para eles, a trama estava incentivando o esporte. Por ser um aspecto emocional, esse fato levou as pessoas a torcerem pelo personagem de Mu, para que ele se recuperasse e voltasse a lutar. E é claro que, no último capítulo, ele venceu e recuperou o cinturão “ficcional”. (TOREZANI, 2012, p. 4-5).

Durante o seu retorno, Wallace Mu recebe o apoio de diversos nomes conhecidos no MMA brasileiro, como Rodrigo Minotauro e Vitor Belfort, que fazem participações especiais na novela. A inserção de figuras reais é importante para dar credibilidade ao papel, e também para tornar aqueles rostos mais conhecidos ao telespectador, já que serão importantes garotos propaganda para as transmissões do UFC.

O final do personagem vivido por Dudu Azevedo tem semelhanças com a história de *Rocky*, uma série de filmes americanos estrelada por Sylvester Stallone. Em sua última cena, ele conquista o título de campeão, depois de uma construção durante a história para despertar o lado emocional no telespectador, como acontece em *Rocky 2*, quando a esposa do personagem principal fica internada por conta de um problema na gravidez. Para completar, além de campeão, ele termina fazendo par romântico com outra personagem da novela – ou seja, uma forma de humanizar o lutador e o aproximar de outros participantes da trama.

Em outubro de 2012, já com o UFC consolidado como um produto importante do canal, a Rede Globo lançou o *remake* da novela *Guerra dos Sexos*. Apesar das semelhanças naturais com o roteiro original, o autor Silvio de Abreu fez algumas adaptações, e uma delas foi trocar a profissão de Ulisses da Silva, vivido por José

Mayer, que era um boxeador, para transformá-lo em um lutador de MMA, interpretado por Eriberto Leão. Novamente, o enredo foi romantizado para amenizar a imagem de violência que um lutador carrega. Porém, a diferença é que os combates foram melhor representados nessa versão, ao contrário do “amadorismo” de *Fina Estampa*.

Todas essas estratégias se encaixam na teoria da *agenda setting*, principalmente pelo fato de a cobertura do MMA na televisão ter aumentado a partir do final de 2011, quando o UFC passa a ser transmitido em canais abertos no país. Em janeiro de 2012, por exemplo, antes da segunda passagem do evento pelo Rio de Janeiro, o *Jornal Nacional*, telejornal com maior audiência no Brasil, exibiu uma reportagem¹⁸ com as regras do MMA, explicadas por Anderson Silva.

Além de chamar atenção para as lutas, que seriam transmitidas ao vivo pelo canal, a reportagem também tem um tom amenizador quanto ao esporte, já que explica a sua evolução de vale-tudo para MMA. Durante toda a programação daquele dia, reportagens sobre o tema foram inseridas em outros telejornais, como no Bom Dia Brasil, que apresentou uma matéria sobre o crescimento no número de praticantes no país e a procura maior por academias de MMA.

Além da inserção de reportagens sobre o esporte em seus telejornais, a Rede Globo também aumentou o número de matérias sobre MMA em seu principal site de esportes, o [Globoesporte.com](http://globoesporte.com).

Depois do acordo realizado entre o UFC e a Rede Globo no dia 27 de outubro de 2011, o número de notícias veiculadas pelo site globoesporte.com que citam o estilo de luta MMA mais do que quadruplicou. Enquanto o total de matérias publicadas entre maio e outubro de 2011 foi de 25, de novembro de 2011 a abril de 2012 esse número chegou a 117. Outra análise que pode ser feita é que em outubro, mês em que o acordo foi realizado, foram publicadas 13 matérias que citam MMA, o que corresponde a mais da metade das 25 notícias veiculadas no primeiro período analisado. Se a Rede Globo já previa que o contrato com o UFC seria fechado no final do mês de outubro e por isso iniciou o processo de agendamento não há como afirmar, mas cabe a reflexão. (CARRER, 2015, p.37).

Outra estratégia importante para popularizar o MMA no país foi o lançamento do *The Ultimate Fighter Brasil*, o *reality show* criado em 2005 nos Estados Unidos, que ganhou a sua versão nacional em 2012. Quando a Rede Globo assinou com o UFC em

¹⁸ Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/01/anderson-silva-explica-o-que-vale-e-o-que-nao-vale-dentro-do-octogono.html>. Acesso em: 13 fev. 2016.

outubro de 2011, também comprou os direitos de transmitir a primeira edição do programa, que se assemelha ao *Big Brother*, um sucesso consagrado do canal.

A emissora optou por exibir o programa aos domingos, geralmente depois do *Fantástico*. Os nomes escolhidos como técnicos da edição foram Vitor Belfort e Wanderlei Silva, uma lenda das artes marciais mistas que fez sucesso no Japão no início dos anos 2000. Além do fato de os dois serem conhecidos no mundo das lutas, a escolha foi feita pela rivalidade entre eles, que se enfrentaram nos primórdios do UFC, em 1998, e que mantêm uma “rixa” declarada.

Logo em sua estreia, no dia 25 de março de 2012, o *The Ultimate Fighter Brasil* teve números importantes de audiência. O programa, exibido perto da meia-noite de domingo para segunda, alcançou 15 pontos no Ibope na Grande São Paulo, com 46% de *share*¹⁹, o que representou um aumento de 15% na média anterior do horário. Segundo o Portal do Vale Tudo, ao todo 6.924 milhões de telespectadores acompanharam o programa em sua primeira exibição.

Além de um formato já consolidado no país, o TUF Brasil também foi importante para “humanizar” os lutadores, desmistificando a violência que geralmente é associada ao esporte. Em seu primeiro episódio, 32 lutadores foram selecionados e foram realizadas 16 lutas para decidir quem realmente entraria na casa para participar do reality. Antes da exibição dos combates, o programa contava a história dos lutadores, trazendo casos mais pessoais que, naturalmente, atraíam a atenção dos telespectadores, que se identificavam com os atletas.

As histórias do passado dos lutadores foram exploradas desde o início, como a de Francisco Trinaldo, conhecido como Massaranduba, que trabalhava desde os oito anos como cortador de cana em Amarante, uma pequena cidade no Piauí. Massaranduba acabou se transformando em uma das figuras mais carismáticas da edição e, mesmo sem sucesso dentro do octógono – foi eliminado antes das lutas finais – ganhou admiradores e foi contratado posteriormente pelo UFC.

O objetivo do programa para o UFC é revelar novos talentos e possíveis campeões no futuro, mas para a Globo ele serviu justamente para mudar a opinião de seus telespectadores sobre o esporte, que sofreu e ainda sofre represálias por conta da violência. Uma estratégia de comunicação importante para vender o produto não apenas para os “nichos”, mas também para o público em geral.

¹⁹ Porcentagem de televisores ligados naquele momento.

4.2 A construção do ídolo Anderson Silva

Para entender o crescimento do MMA no Brasil, não é possível se ater somente ao *boom* do *Ultimate Fighting Championship* no país. Mais do que o evento em si, os atletas foram parte fundamental na entrada do esporte na programação dos canais de tv. E, em especial, um deles se destacou não somente por seu rendimento dentro do octógono, mas também pelo seu potencial midiático. Nascido em São Paulo e criado em Curitiba, Anderson Silva foi, por quase oito anos, o maior lutador do UFC e campeão dos pesos médios da organização.

Porém, o seu reconhecimento no Brasil só veio realmente no dia 5 de fevereiro de 2011, na chamada “Luta do Século”, quando defendeu o seu cinturão contra Vitor Belfort, no UFC 126. Realizado em Las Vegas, nos Estados Unidos, o combate pode ser considerado um dos marcos da popularização do MMA no Brasil, já que foi uma das primeiras oportunidades em que houve uma cobertura da mídia brasileira, principalmente da Rede Globo.

A luta foi transmitida, com exclusividade na televisão brasileira, pelo Canal Combate, em sistema de *pay-per-view*. Porém, na noite seguinte, uma matéria de aproximadamente sete minutos sobre a vitória de Anderson Silva foi exibida no *Fantástico*, um dos programas de maior audiência no país. Por se tratar, naquele momento, de um esporte ainda novo para o grande público no Brasil, a reportagem teve um caráter didático quanto ao MMA. Porém, mais do que isso, ela se concentrou em apresentar o lado humano do brasileiro campeão, trazendo a sua história e sempre o caracterizando como um sujeito tranquilo, apesar da “violência” que apresenta no octógono.

Hoje, mais que uma marca internacional, Anderson Silva é uma marca consolidada no Brasil. E essa afirmação, trazida pela sua vitória sobre Vitor Belfort, motivou uma transformação ainda maior: o MMA se legitimou no país. O público acolheu não apenas Anderson ou o UFC, mas conferiu status de heróis em potencial aos outros lutadores brasileiros. Isso fica explícito na fala do apresentador Zeca Camargo, no início da matéria do *Fantástico*. Detentor do cinturão do UFC desde 2006, Anderson passa a ser o “novo ídolo dos ringues” no Brasil apenas em fevereiro de 2011, 13 lutas e oito defesas de cinturão depois. (FRANZONI, et al., 2013, p. 58-59).

A idolatria por esportistas ajuda a compreender o crescimento de outros esportes no país. Ayrton Senna, no final da década de 80 e início de 90, foi e continua sendo uma unanimidade. Desde então, o automobilismo atingiu outros níveis no Brasil e, até hoje, é um produto de televisão aberta nas manhãs de domingo. Já o tênis, com Gustavo Kuerten, no início dos anos 2000, também se transformou em um esporte de massa por conta dos feitos do catarinense em Roland Garros²⁰. As próprias artes marciais também tiveram o seu momento de sucesso, quando Acelino Freitas, o Popó, foi multicampeão de boxe, com direito a lutas transmitidas ao vivo na Rede Globo e com narração de Galvão Bueno.

Ronaldo Helal (1999) explica que a diferença entre um ídolo no esporte e um ídolo de televisão, por exemplo, é que o primeiro apresenta características de herói. Segundo Edgar Morin (1980), a diferença entre uma celebridade e um herói é que, enquanto o primeiro vive somente para si, o segundo “deve agir para redimir a sociedade” (HELAL apud MORIN, 1999). Portanto, o diferencial de um ícone esportivo para uma celebridade é justamente o fato de os torcedores se sentirem identificados com as suas vitórias.

Um fenômeno de massa não consegue se sustentar por muito tempo sem a presença de “heróis”, “estrelas” e “ídolos”. São eles que levam as pessoas a se identificarem com um evento. Eles representam nossa comunidade, frequentemente sobrepujando obstáculos aparentemente intransponíveis” (HELAL, et al., 2001, p.6).

Segundo Joseph Campbell (2007), as histórias míticas e sagradas revelam seis estágios da jornada que compõem o arquétipo do herói até seu amadurecimento: nascimento complicado, educação iniciática, chamado à aventura, auxílio sobrenatural, provas iniciáticas e o retorno. Apesar de não ter relação direta com esporte, a narrativa de um atleta se assemelha a essa “construção”. Como aconteceu com Anderson Silva, ele não teve um começo de vida fácil, mas recebeu um “chamado”, o que, em seu caso, foi o fato de conquistar o cinturão do UFC.

Depois, ele pode passar por momentos difíceis, como aconteceu em sua primeira luta contra Chael Sonnen, quando sofreu por cerca de 22 minutos até conseguir encaixar um golpe perfeito no final da luta, ou então em sua fratura na perna, que é o momento em que o herói demonstra as suas fraquezas. Porém, o estágio seguinte é justamente a

²⁰ Aberto de Tênis da França, um dos quatro principais torneios da modalidade, vencido pelo brasileiro em 1997, 2000 e 2001.

recuperação e a volta por cima. Casos como o de Ronaldo “Fenômeno”, antes do título mundial em 2002, se assemelham a essa narrativa.

Assim, a manutenção de uma grande imagem tem duas vertentes. Além dos resultados esportivos, o atleta também precisa manter uma boa imagem em sua vida pessoal, fora de seu “trabalho”. No caso do MMA, essa “humanização” é ainda mais importante pela associação com a violência. Isso explica o fato de a reportagem exibida no *Fantástico* ter esse caráter mais pessoal ao falar de Anderson Silva, e não somente de sua conquista dentro do UFC.

Finalmente, percebe-se que no programa de televisão da Rede Globo e em algumas campanhas publicitárias das quais participou, a estratégia foi a de esbanjar simpatia e delicadeza, em contraste com a agressividade exigida e ou demonstrada no octógono. Essa estratégia contribui não só para a diminuição da aversão ao esporte, em que bater no adversário é fundamento e não infração, mas, também, com a aproximação do atleta com o torcedor e, conseqüentemente, o credencia como um possível ídolo nacional. (FRANZONI, 2013, p. 59).

Antes mesmo de a Rede Globo assumir as transmissões do UFC no país, Anderson Silva já era visto como um potencial ídolo. Em janeiro de 2011, nos dias anteriores à luta contra Vitor Belfort, o atleta assinou contrato com a 9INE, empresa de promoções esportivas e gerenciamento de carreira de Ronaldo Fenômeno. Durante o combate em Las Vegas, o paulista exibiu o patrocínio da Bozzano, marca de higiene masculina. Foi a primeira vez que o lutador apareceu com uma marca brasileira em sua bermuda em uma luta na organização.

No mesmo ano, ele também assinou outros contratos de patrocínio com marcas famosas no Brasil, como a Burger King, do ramo alimentício, e a Budweiser, do ramo de bebidas, além da Nike, uma das maiores empresas de material esportivo do mundo e que patrocina nomes como LeBron James (basquete), Tiger Woods (golfe), Cristiano Ronaldo (futebol) e o próprio Ronaldo “Fenômeno”, o que representa a sua importância não somente nas artes marciais, mas para o esporte em geral.

Durante a consolidação do MMA no país, Anderson Silva foi derrotado duas vezes por Chris Weidman. A primeira ocorreu em julho de 2013, no UFC 162 por nocaute. Já a segunda, em dezembro do mesmo ano, no UFC 168, rendeu uma das imagens mais marcantes do esporte brasileiro, quando o lutador acertou um chute no adversário e teve uma fratura na perna. A repercussão da luta foi grande o suficiente

para a Rede Globo enviar um repórter para a porta do hospital onde Anderson foi operado. O *Fantástico* separou cerca de 20 minutos para uma reportagem sobre a luta, além das entradas ao vivo para informar o estado de saúde do lutador brasileiro.

A sua volta ocorreu mais de um ano depois, em janeiro de 2015, e novamente rendeu uma ampla cobertura da mídia. Um comercial produzido pela *Budweiser*, uma de suas empresas parceiras, com o título de “*Great Times Are Coming Back*” (“Os bons tempos estão voltando”, em português), destacava o seu retorno ao octógono. A luta contra Nick Diaz, no UFC 183, foi transmitida ao vivo pelo Canal Combate, mas reprisada poucos minutos depois pela Rede Globo, que novamente seguiu a teoria do agendamento, inserindo o duelo nos principais telejornais de sua programação.

O retorno do ídolo ao octógono liderou as menções em Twitter e Facebook durante a realização da luta, no dia 31 de janeiro de 2015. Ao todo, foram mais de 123 mil comentários²¹ sobre o combate, sendo 72 mil diretamente sobre o lutador brasileiro. O fato destacável é que o combate foi realizado depois das 3h (horário de Brasília) da madrugada de sábado para domingo, em horário ruim e, mesmo com o atraso para a exibição, a Rede Globo marcou 16 pontos de média no Ibope, com 67% de *share*, o que significa que, naquele horário, dois terços das pessoas com televisores ligados na Grande São Paulo estavam acompanhando o duelo.

Os números também estão entre os maiores das demais transmissões do UFC já realizadas pela Globo. O líder em 2014 foi o UFC Rio 5, encabeçado pela luta José Aldo x Chad Mendes, que, transmitida ao vivo, marcou 12 pontos. O recorde absoluto, no entanto, segue inalterado: a luta entre o próprio Anderson e Chael Sonnen, em julho de 2012, que, também com 30 minutos de atraso, registrou 20 pontos. A primeira transmissão do UFC na Globo, com Júnior Cigano x Cain Velasquez, em 2011, também ficou acima, com 17 pontos. (SUPER LUTAS, 2015²²).

Isso demonstra mais uma vez como a mídia foi capaz de suavizar a imagem do lutador e aproximá-lo das pessoas. A sua história de superação acaba se assemelhando a dos jogadores de futebol, que também saíram de lugares mais pobres e tiveram uma infância difícil antes de fazer sucesso no exterior. Ou seja, Anderson Silva virou motivo

²¹ Disponível em: <https://www.scup.com/pt/sobre/imprensa/retorno-anderson-silva>. Acesso em: 14 fev; 2016.

²² Disponível em: <http://www.superlutas.com.br/noticias/29146/retorno-de-anderson-silva-tem-audiencia-superior-a-final-de-novela-na-globo/>. Acesso em: 14 fev. 2016.

de orgulho no Brasil, pois se aproxima das pessoas pela sua história, mas consegue feitos incríveis fora do país.

A continuidade da imagem do lutador é uma dúvida nos próximos anos, já que ele passou por um processo de acusação e suspensão por uso de substâncias proibidas, e seu segundo retorno, na derrota para o inglês Michael Bisping, no UFC Fight Night 84, no dia 27 de fevereiro de 2016, não foi televisionado pela Rede Globo. Ainda assim, o nome de Anderson Silva é importante no crescimento do esporte por se tratar de um ídolo e também de um campeão consagrado, o que o torna naturalmente uma influência para as próximas gerações.

4.3 Os números do sucesso

Segundo o estudo *Muito Além do Futebol – Estudo sobre esportes no Brasil*²³, da Deloitte, uma das maiores empresas de consultoria do mundo, realizado em 2011, as artes marciais foram apontadas como o segundo esporte que mais crescerá nos anos seguintes no Brasil. Das mais de 700 pessoas que responderam ao questionário, 16% apontaram o MMA com o maior potencial de crescimento, contra 17% do rúgbi e 11% do vôlei.

O aumento do interesse pelas artes marciais mistas também teve influência na procura por academias para a prática do esporte. Neste mesmo estudo, apenas 3% das pessoas declararam que praticavam alguma luta. Porém, nos anos seguintes, o número de academias e alunos aumentou consideravelmente. Segundo números consolidados²⁴ da Associação Brasileira de Academias (Acad Brasil), de 2011, das 7.813 academias em funcionamento em São Paulo, mais de 55% ofereciam aulas de luta além da musculação. No Rio de Janeiro, o índice passava dos 57.

Os efeitos puderam ser sentidos em todos os lugares do Brasil, mesmo com as duas primeiras edições do UFC no Brasil desde a sua volta, em 2011, tendo sido realizadas no Rio de Janeiro. A cidade fluminense, considerado o berço do MMA no Brasil e no mundo, registrou o maior impacto na popularização do esporte, mas outros locais, como Natal e Manaus, que também contam com representantes no UFC, também

²³ Disponível em: <http://www.deloitte.com.br/Comunicados/ReleasePesquisaEsportes.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2016.

²⁴ Disponível em: <http://www.acadbrasil.com.br/>. Acesso em: 14 fev. 2016.

tiveram um aumento na procura. Mesmo em menores centros, como na cidade de São Sebastião do Paraíso, em Minas Gerais, os ídolos do esporte influenciaram novos praticantes.

Esse interesse pela modalidade também se refletiu nas academias. Proprietário da academia Bronx's Gold Team, de São Sebastião do Paraíso, Weder Alves Medeiros conta que cerca de 100 alunos, entre crianças e adultos, estão matriculados nas aulas de MMA, Muai Tai e Jiu Jitsu - essas duas últimas estão entre as principais bases do esporte. Para ele, a popularização do MMA é um dos principais responsáveis por esse aumento de adeptos às artes marciais “modernas”. Além disso, muitos alunos enxergam nas lutas, principalmente no Muai Tai, um excelente condicionador físico. “Em cada aula, uma pessoa pode perder até mil calorias”, diz. (JORNAL DO SUDOESTE, 2014)²⁵.

Outro grande diferencial foi na audiência do principal canal de lutas do país, o Canal Combate. Criada em 2002, com o nome de Premiere Combate, a emissora é a “casa” das lutas na televisão brasileira desde a sua criação, mas também sentiu os efeitos da popularização do esporte nos últimos anos. No início de 2013, por exemplo, o canal já tinha base de assinantes acima dos 400 mil. Esse número era de 138 mil em maio de 2011 e de apenas 13 mil em 2006. Vale destacar que o canal não faz parte de nenhum plano básico das operadoras de televisão fechada, o que força ao assinante a pagar um valor por fora para ter a sua programação, em sistema de *pay-per-view*.

Na cola do crescimento do interesse pelo esporte no Brasil, o Combate teve 85% mais assinantes em 2012 em relação ao ano anterior e tem contrato com o UFC para transmitir os torneios até 2022, com possibilidade de prorrogação até 2027. "A gente está passando por uma fase de massificação do produto, pois, hoje, o MMA é discutido até no bar", explica Daniel Quiroga, gerente de negócios do canal, que este ano exibirá ao vivo 42 eventos de luta. (REVISTA VEJA, 2013).

Enquanto a Rede Globo tem os direitos de transmitir os eventos ao vivo realizados no Brasil, além de uma cota de lutas realizadas fora do país, o Canal Combate transmite todos os eventos do UFC ao vivo. Como o canal faz parte do Grupo Globo, há uma “exclusividade” em alguns eventos importantes, como em lutas de Vitor Belfort, Anderson Silva e Jon Jones, nomes que estão entre os lutadores com maior procura para a compra dos pacotes.

²⁵ Disponível em: <http://www.jornaldosudoeste.com.br/noticia.php?codigo=6466>. Acesso em: 16 fev. 2016

A luta entre Anderson Silva e Chael Sonnen, realizada em julho de 2012, vendeu mais de 150 mil pacotes²⁶ no Canal Combate, o maior número de vendas até 2013. No mesmo ano, nos primeiros meses do ano, a emissora apresentou um crescimento de 50% no número de novos assinantes no período comparado a 2013. Ao final de 2014, o canal apresentou um crescimento de 2.965% no número de assinaturas²⁷ desde 2005. Somente nos cinco anos anteriores, esse número cresceu 694%. Mesmo antes do *boom* do MMA no Brasil, o canal já demonstrava um crescimento na audiência, como aconteceu no duelo entre Anderson Silva e Vitor Belfort, em fevereiro de 2011, que até hoje é um dos maiores no número de vendas.

A influência da Rede Globo no próprio UFC também demonstrou a importância do canal para o crescimento da organização. O presidente Dana White, em entrevista realizada em 2013, admitiu que chegou a atrasar em alguns minutos uma luta de Lyoto Machida apenas para ajustar à programação do canal²⁸ – um procedimento normalmente realizado nas noites de futebol. Outro fato é a escolha dos lutadores para os eventos principais no país. Vitor Belfort, por exemplo, teve uma sequência de lutas no Brasil, enquanto Anderson Silva, quando participou do UFC 153, no Rio de Janeiro, teria rendido uma audiência total de 12 milhões de brasileiros.

Em agosto de 2015, na luta entre Ronda Rousey, um fenômeno de popularidade em todo o mundo, e a brasileira Bethe Correia, a Rede Globo marcou 15 pontos no Ibope²⁹, mesmo número da estreia do *The Ultimate Fighter Brasil* em 2012, com a diferença de que o duelo ocorreu no meio da madrugada, perto das 2h (horário de Brasília). Para efeito de comparação, no mesmo dia, o *Altas Horas*, apresentado por Serginho Groisman, marcou 11.8 pontos de média, e foi transmitido ainda na noite de sábado.

Anteriormente, no duelo entre Anderson Silva e Chael Sonnen, em julho de 2012, a Rede Globo teve uma média de 20 pontos no Ibope na Grande São Paulo, o que significa que mais de 1,1 milhão de televisores estavam ligadas no confronto durante a madrugada do dia 8 daquele mês. O curioso é que o evento não foi transmitido ao vivo pela emissora, e sim com um atraso de 30 minutos, o que deixam os números ainda

²⁶ Disponível em <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2013/04/combate-projeta-crescimento-e-revela-fidelizacao-apos-cada-evento-ao-vivo.html>. Acesso 16 fev. 2016.

²⁷ Números disponíveis em <http://esporte.ig.com.br/lutas/2014-12-04/audiencia-do-ufc-cresce-no-brasil-mas-franquia-sente-falta-de-anderson-em-2014.html>. Acesso 15 fev. 2016.

²⁸ Disponível em <http://mmajunkie.com/2013/08/ufc-president-vitor-belfort-fights-in-brazil-due-to-globo-not-trt>. Acesso 23 jun. 2015.

²⁹ Disponível em <http://otvfoco.com.br/ufc-garante-alta-audiencia-para-a-globo-na-madrugada-confira-os-consolidados-do-sabado-010815/>. Acesso 15 fev. 2016.

mais impressionantes, principalmente com a repercussão que o combate teve nas redes sociais.

No último evento transmitido pela Rede Globo até fevereiro de 2016, o UFC 194, realizado em 14 de dezembro de 2015, nos Estados Unidos, a torcida brasileira não saiu tão satisfeita com os resultados, principalmente por conta do nocaute sofrido por José Aldo contra Conor McGregor, que rendeu a primeira derrota do atleta em mais de dez anos. Porém, para o canal, o evento garantiu um aumento de 80% na audiência do horário – a luta foi realizada por volta das 3h30 da madrugada no horário de Brasília – e marcou 9.3 pontos de média no Ibope.

Ou seja, mesmo com a diminuição na audiência dos últimos anos, que tem como maior exemplo o *The Ultimate Fighter*, que perdeu a sua força na sua quarta edição, realizada em 2015, e não tem continuidade garantida, o UFC ainda é um fenômeno no Brasil. Lutas como a dos campeões Rafael dos Anjos e Fabrício Werdum, além da volta de Anderson Silva ao octógono depois de suspensão por doping, possivelmente vão garantir novos recordes para o canal. Não é errado dizer que a Globo pegou a “carona” no crescimento do esporte em 2011, mas é certo garantir que a parceria entre o canal e o UFC levou o MMA para outro nível no país.

5. CONCLUSÃO

As artes marciais mistas figuram, nos últimos anos, como um dos principais esportes do país. O MMA se transformou em um fenômeno midiático no país, principalmente a partir de 2011, quando o UFC realmente estourou com sua volta ao Brasil e a entrada na televisão aberta, em transmissões da RedeTV! e da Rede Globo. Apesar disso, não há uma bibliografia consolidada sobre o tema, por conta do caráter de novidade que o esporte ainda carrega. Assim, a maioria das referências vieram de artigos recentes sobre o tema e de matérias disponíveis em sites de esportes na Internet.

Como visto no capítulo 2, apesar de ter aparecido com sucesso no mundo no Japão e nos Estados Unidos, o MMA existe no Brasil há pelo menos um século, e os primórdios dos principais eventos, como o UFC e o Pride, tiveram brasileiros e, mais especialmente, o jiu-jitsu desenvolvido pelo Família Gracie como protagonistas. É impossível falar sobre o nível que o esporte atingiu hoje sem lembrar de toda a sua história no século XX.

Os meios de comunicação tiveram uma participação importante na popularização do esporte, não apenas nos últimos anos, mas desde o início das lutas. Os desafios feitos em jornais pelos membros da Família Gracie podem ser considerados uma das primeiras estratégias de marketing esportivo. Além disso, constatar que as artes marciais já tiveram espaço na televisão, com a criação do programa *Heróis do Ringue*, na década de 60, demonstrou que o esporte já tinha um potencial de crescimento, mas foi mal explorado em seu início.

O processo de popularização das artes marciais teve uma influência direta na visão sobre o esporte, sempre associado à violência. A representação de personagens lutadores em novelas, como em *Fina Estampa* e em *Guerra dos Sexos*, além da criação do programa *The Ultimate Fighter* foi fundamental para amenizar a imagem de “bad boys” que os lutadores carregam, principalmente por conta da linha tênue que existe entre o fato de ter conhecimento de uma arte marcial e o seu uso fora dos ringues e octógonos.

É possível observar um crescimento da cobertura midiática, não somente dos jornais e sites ligados ao Grupo Globo, que detém os direitos de transmissão atualmente, mas também da mídia especializada que, apesar de não ter sido uma parte importante deste trabalho, vêm ajudando na difusão do MMA no Brasil - como é o caso das revistas Tatame e GracieMag. O próprio crescimento de assinantes do Canal Combate, abordado no último capítulo, demonstra que a popularização do esporte não significou um afastamento do jornalismo especializado, e sim uma maior procura por informações mais precisas sobre o assunto.

Atualmente, o MMA vive um período curioso no Brasil. Os “heróis” nacionais que surgiram com o processo de popularização estão em baixa, como é o caso de Anderson Silva, pego recentemente no exame antidoping. A Rede Globo, dessa vez, não adotou a mesma cobertura para o seu retorno como fez no início de 2015, quando o atleta lutou pela primeira vez depois da grave lesão na perna. Ao mesmo tempo, a luta entre José Aldo e Conor McGregor rendeu uma das maiores audiências para o canal em dezembro de 2015, mas a queda do campeão brasileiro é mais um porém no futuro do UFC no Brasil.

É difícil prever que o esporte fique em segundo plano nos próximos anos, por conta da grande “produção” de lutadores que o país apresenta. Atualmente, são dois campeões – Rafael dos Anjos, no peso leve, e Fabrício Werdum, no peso pesado – e, mesmo que os dois não tenham a mesma repercussão que nomes como Vitor Belfort e Junior Cigano, são provas de que os brasileiros ainda têm o seu grau de protagonismo dentro da organização.

O problema é que a falta de um grande ídolo pode minar a sua importância e até o seu desenvolvimento em um futuro breve, algo que aconteceu com o tênis, por exemplo. Desde a aposentadoria de Gustavo Kuerten, o Brasil foi incapaz de produzir um “sucessor” e, como foi visto neste trabalho, “heróis” são importantes no esporte, principalmente nos individuais, para mantê-lo na mídia. Será interessante observar, nos

próximos anos, qual será o futuro. Novos ídolos surgirão e o esporte se transformará, de vez, em uma febre duradoura, ou a queda de ídolos, como Anderson Silva, vai deixá-lo apenas como um “brilho momentâneo”, como aconteceu com o boxe?

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros

ALONSO, Marcelo; NAGAO, Susumu. **Do Vale-Tudo ao MMA: 100 Anos de Luta**. Editora PVT. Rio de Janeiro, RJ. Ano 2013.

AWI, Fellipe. **Filho Teu Não Foge À Luta: Como os Lutadores Brasileiros Transformaram o MMA em um Fenômeno Mundial**. Editora Intrínseca. Rio de Janeiro, RJ. Ano 2012.

BUFFER, Bruce. **It's time! Minha visão 360° do octógono**. Companhia Editora Nacional. São Paulo, SP. Ano 2013.

EVANS, Anthony B. **UFC: Ultimate Fighting Championship: Guia Oficial**. Editora Panda Books. São Paulo, SP. Ano 2012.

GRACIE, Hélio. **Gracie Jiu-jitsu**. Editora Saraiva. São Paulo, SP. Ano 2010.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol**. Editora Mauad. Rio de Janeiro, RJ. Ano 2001.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. Editora Contexto. São Paulo, SP. Ano 2005.

SILVA, Anderson. **Anderson Spider Silva: O Relato de Um Campeão nos Ringues e na Vida / depoimento a Eduardo Ohata**. Editora Sextante. Rio de Janeiro, RJ. Ano 2012.

Teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso e artigos acadêmicos

CARRER, Beatriz. **Crítica sobre a influência do marketing no agendamento midiático: A compra dos direitos de transmissão exclusiva do UFC**. Trabalho de Conclusão de Curso. 43p. Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Florianópolis, SC. Ano 2015.

DE BRUM, Juliana. **A Hipótese do Agenda Setting: Estudos e Perspectivas**. Revista Razón y Palabra, n° 35. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n35/jbrum.html>. Acesso em 15 fev. 2016.

FERREIRA, Fernanda Prates. **MMA no Brasil: cobertura, espetáculo e formação de mitos no antigo “vale-tudo”**. Trabalho de Conclusão de Curso. 56p. Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Rio de Janeiro, RJ. Ano 2011.

FRANZONI, Sabrina. Stefani, Andreza Domingues. **Além do Octógono: a imagem de Anderson Silva em programação não esportiva na TV**. Revista Vozes e Diálogo, v. 12, n° 1. Itajaí, Santa Catarina. Disponível em: <http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/vd/article/viewFile/4299/2632>. Ano 2013.

HELAL, Ronaldo. **Mídia, ídolos e heróis do futebol**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Ano 1999.

MENDES, Rafael Duarte. **A jornada do herói: o monomito na ficção seriada Lost**. Trabalho de Conclusão de Curso. 82p. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Porto Alegre, RS. Ano 2010.

TOREZANI, Juliana Nascimento. **A Transmissão dos Eventos da UFC pela Rede Globo: uma análise pelas Teorias de Construção Social**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Recife, PE – 14 a 16 e junho de 2012. 15p. Faculdade Maurício de Nassau. Ano 2012.

Web

BLOODY ELBOW. **UFC's Brazilian TV deals are a booming business**. Matéria de Zani Simon. 31 out. 2013. Disponível em: <http://www.bloodyelbow.com/2013/10/31/5051454/ufc-brazilian-tv-deals-booming-business-millions-mma-news>. Acesso em 23 de jun. 2015.

COMBATE. **Combate projeta crescimento e revela fidelização após cada evento ao vivo**. Matéria de Marcelo Russo. 12 abr. 2013. Disponível em:

<http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2013/04/combate-projeta-crescimento-e-revela-fidelizacao-apos-cada-evento-ao-vivo.html>. Acesso em 16 fev. 2016.

_____. **"Fla-Flu do Vale Tudo": Waldemar x Carlson marcou o Maracanãzinho**. Matéria de Adriano Albuquerque e Raphael Marinho. 22 out. 2014. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2014/10/fla-flu-do-vale-tudo-waldemar-x-carlson-marcou-o-maracanazinho.html>. Acesso em 26 dez. 2015.

FOX SPORTS. **UFC has grown on one-time enemy McCain**. Matéria de Marc Raimondi. 04 fev. 2014. Disponível em: <http://www.foxsports.com/ufc/haymaker/ufc-has-grown-on-one-time-enemy-mccain-020414>. Acesso em 01 fev. 2016.

JORNAL DO SUDOESTE. Popularização do MMA aumenta procura por academias especializadas. Matéria de Ralph Diniz. 31 ago. 2014. Disponível em: <http://www.jornaldosudoeste.com.br/noticia.php?codigo=6466.%20Acesso%20em:%2016%20fev.%202016>. Acesso em 16 fev. 2016.

MMA JUNKIE. **UFC president: Vitor Belfort fights in Brazil due to Globo, not TRT**. Disponível em: <http://mmajunkie.com/2013/08/ufc-president-vitor-belfort-fights-in-brazil-due-to-globo-not-trt>. Acesso em 23 de jun. 2015.

REUTERS. **Brazil a booming market for Mixed Martial Arts**. Matéria de Andrew Downie. 5 jul. 2012. Disponível em: <http://www.reuters.com/article/2012/07/05/entertainment-us-brazil-mma-idUSBRE8640VC20120705>. Acesso em 23 de jun. 2015.

ROLLING STONE. **O Esporte Número 2 do Brasil?** Matéria de Tiago Agostini. Agosto de 2011. Disponível em: <http://rollingstone.uol.com.br/edicao/59/o-esporte-numero-2-do-brasil#imagem0>. Acesso em 23 de jun. 2015.

REUTERS. **Brazil a booming market for Mixed Martial Arts**. Matéria de Andrew Downie. 5 jul. 2012. Disponível em: <http://www.reuters.com/article/2012/07/05/entertainment-us-brazil-mma-idUSBRE8640VC20120705>. Acesso em 23 de jun. 2015.

SUPER LUTAS. Retorno de Anderson Silva tem audiência superior a final de novela na Globo. Matéria de Bruno Ferreira. 03 fev. 2015. Disponível em: <http://www.superlutas.com.br/noticias/29146/retorno-de-anderson-silva-tem-audiencia-superior-a-final-de-novela-na-globo/>. Acesso em 14 fev. 2016.

TV FOCO. **UFC garante alta audiência para a Globo na madrugada; confirma os consolidados do sábado**. Matéria de Vitor Peccoli. 03 ago. 2015. Disponível em:

<http://otvfoco.com.br/ufc-garante-alta-audiencia-para-a-globo-na-madrugada-confira-os-consolidados-do-sabado-010815/>. Acesso em 15 fev. 2016.